



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO, CULTURA E
INTERATIVIDADE - PPGDCI

FERNANDA DA SILVA GARCEZ

“Ô DE CASA, Ô DE FORA!”
O REISADO DO MESTRE MARCOLINO EM MORRO DE CHAPÉU E A
MEMÓRIA SUBTERRÂNEA

Feira de Santana
2024

FERNANDA DA SILVA GARCEZ

“Ô DE CASA, Ô DE FORA!”

**O REISADO DO MESTRE MARCOLINO EM MORRO DE CHAPÉU E A
MEMÓRIA SUBTERRÂNEA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Doutor Carlos Augusto Lima Ferreira.
Área de Concentração: Desenho, Registro e Memória Visual, da Linha de Pesquisa: Patrimônio Cultural, Representação e Memória.

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

Garcez, Fernanda da Silva
G197 "Ô de casa, ô de fora!" o reisado do mestre Marcolino em Morro de Chapéu e a memória subterrânea / Fernanda da Silva Garcez. - 2024.
100f.: il.

Orientador: Carlos Augusto Lima Ferreira

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, 2024.

1. Reisado. 2. Mestre Marcolino. 3. Memória subterrânea. 4. Corpos Negros. 5. Morro de Chapéu, Chapada Diamantina. I. Ferreira, Carlos Augusto Lima, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 394.268

FOLHA DE APROVAÇÃO

FERNANDA DA SILVA GARCEZ

“Ô DE CASA, Ô DE FORA! O REISADO DO MESTRE MARCOLINO EM MORRO DE CHAPÉU E A MEMÓRIA SUBTERRÂNEA”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: 08 de abril de 2024

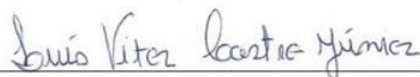
BANCA EXAMINADORA



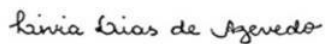
Prof. Dr. Carlos Augusto Lima Ferreira - Orientador - PPGDCI/ UEFS



Profa. Dra. Ana Heloisa Molina -UEL



Prof. Dr. Luís Vitor Castro Júnior - UEFS



Prof. Dra. Livia Dias Azevedo - Coordenadora PPGDCI/ UEFS

FEIRA DE SANTANA
2024

“Quando nós falamos tagarelando
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinando
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é porque estamos errando
É porque não fomos colonizados.”
(Antônio Bispo dos Santos)

Dedico este trabalho a todas as mulheres e as ancestrais da minha família.
Dedico ainda ao grande protagonista desta “História” Mestre Antônio Marcolino.

“O futuro é ancestral.”

AGRADECIMENTOS

É com profunda gratidão que expresso meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para a realização desta dissertação, permitindo-me trilhar os passos de uma jornada repleta de aprendizados e desafios. Primeiramente, dedico meus agradecimentos aos que vieram antes de mim, aqueles que pavimentaram o caminho do conhecimento, deixando um legado valioso. Suas experiências e conquistas inspiraram-me a perseguir este percurso acadêmico, buscando também contribuir para o enriquecimento do saber.

Aos meus guias e protetores, expresso minha profunda gratidão, por nunca me deixar me sentir desamparada ou sozinha. À minha amada família, manifesto meu carinho e reconhecimento. Vocês foram meu porto seguro, apoiando-me nos momentos mais desafiadores e celebrando as vitórias ao meu lado. Em especial, agradeço ao meu esposo Ygor pela paciência infinita e constante apoio, pela parceria, por sempre acreditar que posso e à minha querida filha Julia Lua, que trouxe luz e motivação aos meus dias, desculpa as ausências, minha filha. À minha mãe Elisanete Pereira, pela tranquilidade da sua presença, e por tantas vezes que preencheu a minha ausência cuidando e estando ao lado da minha família, te amo mãe.

Agradeço ainda ao meu pai, Júlio Pecador, que sempre vibrou e se emocionou a cada pequena conquista que venho trilhando nesta minha vida. Aos meus irmãos que dividem comigo as dores e as alegrias do mundo, vamos juntos sempre! Aos meus sogros Amenaide Mendes e Ailton Gomes por me acolherem em todos os momentos.

Não posso deixar de expressar minha eterna gratidão ao Mestre Antônio Marcolino (*in memorian*) seus antepassados e familiares. Peço a sua bênção e agradeço por permitirem que eu seja o eco dessa história, apresentando essa missão e levando o seu legado adiante. Agô, mestre griot! À minha avó materna, Dona Detinha (*in memorian*), dedico uma gratidão especial. Sua presença constante nas minhas mais doces e tenras memórias foram alicerces fundamentais ao longo desta jornada e ponto de partida e dessa pesquisa. Te amo Dinda!

Expresso minha profunda gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Em especial, à querida Poliana Santiago, que pacientemente sentou comigo pensando e sonhando o pré-projeto do que hoje resultou nesta dissertação.

À Janaína do Espírito Santo Silva, minha “cumadre” que me enviou o edital, acreditando que era minha hora. Obrigada, Nina. Aos meus amigos, parceiros e colegas de jornada, nosso quarteto infalível, Leonardo Justino, Marcos Ribeiro e a nossa “mãe” Taniely Santos, que muitas e muitas vezes nos acolheu e abraçou de forma materna, amo vocês, que alegria esse encontro. Obrigada!

Agradeço ainda aos professores que tive a sorte grande de encontrar no programa de Pós-Graduação Desenho, Cultura e Interatividade, em especial ao meu orientador, professor Dr. Carlos Augusto, agradeço a paciência, orientações e conselhos foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Cada palavra de sabedoria foi como uma bússola, guiando-me nas trilhas intrincadas do conhecimento, e por isso, sou imensamente grata. Ao Prof. Dr. Eduardo Oliveira Miranda, sua influência foi crucial para a “transformação” do meu pensamento e visão de mundo. À querida Prof^a. Doutora Livia Dias de Azevedo, que me ensinou muito sobre respeito, responsabilidade, com um equilíbrio perfeito entre ternura e firmeza. Gratidão.

Que as bênçãos dos que me precederam e o apoio dos que estão ao meu redor continuem a iluminar meu caminho em futuros desafios e conquistas. E como diz a canção *Yayá Massemba*, de Roberto Mendes e Capinam, “vou aprender a ler, pra ensinar meus camaradas”. Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho propõe analisar o Reisado do Mestre Marcolino em Morro de Chapéu, na Chapada Diamantina, e seu papel na Memória Subterrânea. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na revisão bibliográfica e na análise de fotografias como procedimentos metodológicos. As imagens, consideradas fontes visuais e documentos, possibilitaram a compreensão do fenômeno do Reisado do Mestre Marcolino, com ênfase na presença dos corpos negros, explorando a interação desses elementos na construção da memória subterrânea no interior baiano. O estudo visa compreender a complexidade dessa memória.

Palavras-chave: Reisado. Mestre Marcolino. Memória Subterrânea. Corpos Negros. Chapada Diamantina.

ABSTRACT

This work aims to analyze the "Reisado" of Mestre Marcolino in Morro de Chapéu, located in the Chapada Diamantina, and its role in the Subterranean Memory. It is a qualitative research, based on literature review and the analysis of photographs as methodological procedures. The images, considered visual sources and documents, enabled the understanding of the phenomenon of the Reisado of Senhor Marcolino, with an emphasis on the presence of black bodies, exploring the interaction of these elements in the construction of subterranean memory in the interior of Bahia. The study aims to comprehend the complexity of this memory, outlining a significant portrait of a cultural minority.

Keywords: Reisado. Mestre Marcolino. Subterranean Memory. Black Bodies. Chapada Diamantina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa de Morro do Chapéu- Bahia.....	19
Figura 2- fotografia da praça D. Pedro II, festa de São Benedito 1910. Autor desconhecido.....	22
Figura 3- Imagem da procissão em homenagem a São Benedito, 2023.....	25
Figura 4- Exemplo de Terno de reis “As farolistas” organizado por Dona Hilda, registro pessoal da minha infância no ano de 1994, em Morro do Chapéu-BA.....	31
Figura 5- Terno de reis “As farolistas” em Morro do Chapéu-BA no ano de 1994.....	32
Figura 6- Apresenta-se uma página do livreto do IGBE, sobre Morro do Chapéu-BA, em 1975.	45
Figura 7- Descrições do Município da Vila do Morro do Chapéu, século XIX.....	46
Figura 8- Mapa do quilombo Barra II na cidade de Morro do Chapéu-BA	47
Figura 9- reisado diante de uma residência esperando para entrar. Observa-se a riqueza das indumentárias do grupo. Morro do Chapéu – 2020.....	51
Figura 10- Seu Marcolino e o Reisado, prostados solenemente diante da lapinha do menino Deus, em visita a uma residência em Morro do Chapéu-BA.....	55
Figura 11- Reisado sob o comando de Matteus Marcolino.	72
Figura 12- Matteus Marcolino com seus primos e irmão, tocando e cantando enquanto sua sobrinha samba na roda.....	75
Figura 13- Mestre Marcolino, sentado diante do altar da sala de casa em Morro do Chapéu, Bahia.....	76
Figura 14- Antônio Marcolino e seu filho Matteus Marcolino – 2017.....	78
Figura 15- registro do último ano de reisado do Mestre Marcolino- 2017.....	79
Figura 16- registro do último ano de reisado do Mestre Marcolino- 2017	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO II: “SOMOS CANTADOR DE REIS”.....	
2.1 O REISADO EM MORRO DO CHAPÉU.....	
2.2 A ORIGEM DO REISADO.....	26
2.2.1 Fé, festa e samba	30
2.3 REISADO DO MESTRE VIOLEIRO ANTÔNIO MARCOLIN	42
2.3.1 O Reisar dos Marcolinos	44
2.3.2 A imagem como suporte da memória no reisado do mestre Marcolino	48
2.3.2.1 A imagem como narrativas visuais	48
2.3.2.2 A imagem como um suporte da memória.....	50
2.3.2.3 As fotografias fontes visuais e memória.....	53
CAPÍTULO III: “DEUS VOS SALVE, CASA SANTA”. O REISADO DO MESTRE MARCOLINO COMO ELEMENTO CONSTRUTOR DA MEMÓRIA EM MORRO DO CHAPÉU-BA	57
3.1 UMA BREVE TEORIZAÇÃO SOBRE MEMÓRIA	57
3.1.1 Memória construção social	59
3.1.2 Memória afetiva	61
3.1.3 Memória oral.....	63
3.1.4 Memória corporal.....	65
CAPÍTULO IV: “VOCÊS TUDOS SÃO DOS MEUS TRONCOS MAIS VELHOS” 67	
4.1 VISUALIDADES E CORPOREIDADES NO REISADO DE MORRO DO CHAPÉU: O LEGADO DO MESTRE MARCOLINO	67
4.1.1 Corpo Negro como Guardião da Tradição.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS.....	84

INTRODUÇÃO

A primeira vez que me vi seduzida pelo Reisado ainda não tinha a mínima dimensão ou entendimento do fenômeno que está diante. Foi na casa da minha avó materna, Dona Detinha, lugar sagrado para reunir a família e celebrar o Natal, que durante anos cumprimos o ritual de montar o presépio, tradição dos festejos natalinos em homenagem ao nascimento de Jesus, a lapinha tomava grande parte da sala principal da casa, era cuidadosamente montada, pedra por pedra. Minha vó dedicava horas para escolher, limpar e montar o presépio, tudo isso com muita fé, respeito e devoção. Para ela e para nós, seus netos, o ponto alto dos festejos era o momento de receber o reisado do mestre Marcolino. Era sempre ao cair da noite, recordo-me a casa cuidadosamente arrumada, e os quitutes sendo preparados para receber de braços abertos, com muita fé e um caloroso café, a família de seu Marcolino e o reisado.

A beleza das suas feições ainda me são recentes na memória, chegavam abraçados em suas violas como se quisessem abraçar a própria sorte. Lembro-me do tom azulado do cetim das suas roupas, muito brilhantes, as músicas tocadas e cantadas com a sabedoria que anos de vivência lhe conferiu, em cada rito e com muita alegria minha avó abria as portas da casa.

*“Ô de casa... ô de fora...”*¹ E lá vinha o bando de chapéus alegremente enfeitados cheios de fitas coloridas que se agitavam durante as performances de danças e canções. Entravam, se ajoelhavam diante do presépio erguido por minha matriarca, e todos saudavam ao menino Jesus em um gesto natural, mas ao mesmo tempo coreografado pelos anos de estrada e repetição desta cena. E daí em diante eles adentravam na casa abençoando, cantando e rezando. Abria-se uma grande roda no meio da sala e um a um os corpos negros de hora em hora serpentavam a suas danças e seus corpos envoltos na mais pura alegria, em um torpor pela música, pelas palmas, e o batuque dos tambores, provocava um momento de alegria e catarse daqueles corpos, e de repente toda a minha família entrava na roda se somando à família de Seu Marcolino sambando, cantando e agradecendo ao menino Jesus por mais um ano em total sincronia e comunhão.

¹ Estes versos compõem a chula entoada diante da casa que será visitada, como um anúncio da chegada dos reiseros. *“Ô de casa e ô de fora, Ô de casa e ô de fora, Santo Reis aqui chegou, Santo Reis aqui chegou Tô aqui na sua porta, Tô aqui na sua porta, Mas não é por seu dinheiro, Mas não é por seu dinheiro, Samo cantador de reis, Samo cantador de reis, Do dia seis de janeiro”* Associa-se esta versão ao reisado da Barra II, da família do Marcolino. Foi transcrita literalmente preservando os traços sociolinguísticos que a canção carrega.

Estas imagens, cada lembrança, o bailado dos seus corpos, a união da fé e da alegria, são o meu lugar de memória da infância, da minha saudosa avó materna, da minha família e do meu lugar no mundo. São estas memórias que me constituíram e alicerçaram a descoberta da mulher negra que sou, e que ainda construo.

Contudo, o presente texto debruça-se sobre o reisado, manifestação religiosa e simbólica, presente em todo território brasileiro, como elemento fundante da Memória coletiva, presente no Brasil colonial, que foi aos poucos ocupando todo o interior do país concomitantemente a própria expansão e desenvolvimento do Brasil colônia, impulsionado pela Igreja católica, tendo como instrumento multiplicador do trabalho didático e a catequese dos jesuítas no século XV.

No entanto, esta dissertação tem seu caminho definido principalmente pelas memórias individuais desta sujeito-pesquisadora² que viveu e experienciou de forma latente o reisado durante a juventude, na década de 80, na cidade de Morro do Chapéu, localizada no Piemonte da Chapada Diamantina no interior da Bahia, lócus desta pesquisa. Durante os festejos natalinos na cidade de Morro do Chapéu- BA, e em especial, no lugar-afeto que representa para mim a casa da minha avó materna, Dona Detinha, na sala central dessas casas diante do presépio que me deparei pela primeira vez com o reisado de Marcolino, pelos anos já idos de 1990 e desde então os carregos comigo.

Esta trajetória alicerçou-se ainda no desejo pela preservação e documentação do reisado – patrimônio imaterial³, comandado pelo Mestre violeiro Antônio Marcolino (protagonista desta narrativa) em Morro do Chapéu- BA. Segundo Marcolino o reisado era a sua herança e além, era a sua “missão” de vida recebida pelos seus antepassados, todos homens negros, que através da oralidade transferiu a função de mestre reseiro de geração a geração, nesta família de *Marcolinos*. A sombra da incerteza sobre o futuro do reisado ganhou ainda mais força após a morte de Marcolino em 2017 o grande mestre *Griot*⁴, desta tradição, partiu, mas não antes de

² O uso deste termo sujeito-pesquisadora, justifica-se nesta dissertação pelo fato de narrativa do reisado de Marcolino está intimamente ligado às minhas memórias individuais. Fui testemunha do fenômeno que me debruço e em muitos momentos são as minhas lembranças individuais e coletivas que assumem a direção deste texto, sem, no entanto, perder de vista que se trata de um texto científico com métodos e rigor necessários.

³ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), considera que os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). (IPHAN, 2017).

⁴ Em certas sociedades da África do Oeste, os griots são contadores de histórias, genealogistas, músicos e artistas da palavra, com existência registrada desde o antigo Império de Mali (séculos XIII-XVII) até o presente. Na segunda metade do século XX, os griots são incorporados como fontes endógenas no movimento de

assegurar o futuro do reisado, delegando ao seu filho primogênito, Matheus Marcolino, o destino, a missão de levar adiante o sentido da vida dos *Marcolinos*, homens negros, violeiros e devotos dos santos Reis, a tradição do reisado.

Me inquietou saber qual seria o destino do reisado, agora que o grande pilar dessa tradição, o protagonista desta história “encantou-se”? Primeiro, pela minha relação afetiva e familiar com o reisado, mas mais ainda pelo fato de reconhecer o reisado como um “lugar” que definia a identidade do povo de Morro do Chapéu. Ainda que esta tradição tenha sua origem na família do mestre Marcolino, o fenômeno desenvolvido por eles, de forma familiar, pertence a toda a cidade.

Como mestranda, um novo horizonte se apresentou e me fez compreender a dimensão do reisado, como um suporte da Memória, quer da memória coletiva dos morresses, quer da memória individual da minha infância, alicerçadas pelas lembranças das visitas do reisado do mestre Marcolino na casa da minha avó materna parte da minha própria história.

E foi neste jogo de rememorar e esquecer NORA (1993) e de me encontrar na própria memória coletiva de Morro do Chapéu, que me mobilizaram a fazer desse fenômeno o objeto da minha pesquisa, legitimado no meu lugar de fala, mulher interiorana, morrense, negra, estando também relacionado ao meu entendimento e modo de estar no mundo.

Diante de tais percepções, passei a analisar de que maneira poderia contribuir para com o registro e a história do reisado do mestre Marcolino. E algumas hipóteses foram surgindo: pode um homem negro, vivendo anos à margem da sociedade, falar e ser ouvido? Entendemos então a necessidade de apresentar para aqueles que desconhecem a cultura morrense o valor dessa tradição religiosa-cultural na construção da memória coletiva, um elemento construtivo da identidade e de preservá-la em registros, em fotografias, e até mesmo esta dissertação, cumprirá esta função de arquivo, documentação.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar como o reisado do Mestre Antônio Marcolino se configura como uma manifestação da memória subterrânea em Morro do Chapéu-BA. Não obstante, durante esta pesquisa, me deparei com muitas ausências as quais não poderia jamais ignorá-las, nem como dado científico, nem como testemunha deste fenômeno. Dentre elas está a limitada quantidade de material escrito, ou de registros (fotos, vídeos) sobre o reisado do mestre Antônio Marcolino, seja nos arquivos públicos, seja entre os

Descolonização dos estudos africanos, e passam a ser conhecidos como símbolos na diáspora africana nas Américas. No Brasil, são referências em escritos de intelectuais negros desde os anos 1970, mas recentemente o termo prolifera e passa a ser utilizado como título para mestres afro-brasileiros.

membros da família do mestre violeiro, seja entre a comunidade morrense. Delimitando para esta pesquisa a necessidade de pensar este fenômeno, de analisá-lo, mas também de pensar como preservá-lo, restaurá-lo, sendo este o desejo ao final desta dissertação, que ela se torne um documento, uma fonte que preencha mesmo que timidamente a lacuna de informações sobre o reisado do Marcolino, mestre violeiro e suas memórias.

O percurso metodológico adotado, se configura de base qualitativa e fenomenológica. Entende-se pesquisa qualitativa como aquela que não se preocupa em quantificar e/ou medir os eventos estudados e não se utiliza de instrumentos estatísticos na análise dos dados.

Por sua vez, a Fenomenologia consiste em um modo de pensamento filosófico-qualitativo que enxerga o mundo como “socialmente interpretável” segundo Edmund Husserl (1990), consiste no método que é a própria ciência da essência do conhecimento, ou doutrina universal das essências. (Husserl, 1990: 22).

A análise dos dados debruçou-se a partir das imagens fotográficas do reisado do mestre Antônio Marcolino (2010- 2017) após prévia seleção no parco acervo público da prefeitura Municipal de Morro do Chapéu, acervo de familiares do reseiro e de doações do acervo da minha família em Morro do Chapéu. O principal intento adotado na seleção das fotografias foi eleger as que apresentassem mais claramente os elementos estéticos do reisado tão fortemente impregnados nas memórias dos morrenses; passagens dos ritos da visitação e da performance do reisado, além de momentos que evidenciam a liderança do nosso mestre violeiro, Antônio Marcolino.

O professor e pesquisador Edson Ferreira nos coloca que a fotografia é “evocadora de lembranças e restauradora da memória.” (FERREIRA, 2004, p. 28). Destarte, as lembranças provocadas através das fotografias serão o suporte e elo para compreender a relação entre o reisado de Marcolino e a memória subterrânea de Morro do Chapéu. Na literatura que versa sobre o reisado, manifestação do catolicismo popular no Brasil, ecoa a inegável presença deste como um elemento constitutivo da memória coletiva. No entanto, partiremos das ausências, ou lacunas às questões encontradas. Logo a ausência passa a ser um dado nesta dissertação, e força motriz para encontrar respostas às indagações levantadas. Dentre as indagações a que primeiro me surge é pensar qual o papel do homem negro no reisado? Será que haveria reisado sem a presença e contribuição do homem negro? Seja no Brasil, ou ainda mais especificamente, em Morro do Chapéu, uma cidade que tem sua história e desenvolvimento atrelado à presença destes homens, (ex-escravizados, quilombolas, violeiros, entre outros)?

O reisado se configuraria na mesma riqueza de símbolos, signos, caso não estivesse presente o corpo negro? E por fim, a que mais mobilizou, foi buscar com esta pesquisa assegurar que: partindo do entendimento que este homem negro viveu como minoria, a margem da memória oficial, com a presença-corpo e fala silenciados, seria possível ecoar a voz (dança, samba, tambor, fé) desses homens-corpos subalternizados? Podemos considerar que a memória da qual falamos em realidade é uma memória subterrânea?

Trazemos para esta dissertação a voz da escritora indiana Gayatri Spivak⁵ que problematizou sobre o termo subalterno, sendo considerada uma referência sobre esta temática. Segundo a autora, é preciso estar atento à armadilha do termo "dar voz". A autora afirma ainda que "dar a voz" aos subalternos⁶ é um discurso comum do intelectual eurocentrado que se julga poder falar pelo outro, mas como possibilidade de "permissão para narrar", no qual o "subalterno é sempre aquele que não pode falar, pois, se o fizer, já não o é." (SPIVAK, 2010, p. 12), alertando que deste paradoxo o que se depreende é que não é preciso "*dar voz*" "ao Subalterno, nem que outros falem por ele (o outro o pesquisador- dominador- hegemônico), mas sim, entender que, o subalterno fala quando evidencia-se os processos do silenciamento existentes na nossa sociedade contemporânea. Faz-se necessário possibilitar ao subalterno silenciado (como as mulheres, o homem negro, ou ainda os mestres reseiros, objeto desta pesquisa) condições de falar por si e de principalmente, ser ouvido pelo outro.

Destarte, não falaremos pelo mestre Marcolino e seu reisado, porque, contrariando, buscamos com este texto dissertativo, uma ação voltada para a escuta do reisado, permitida através do encontro entre o fenômeno reisado com o sujeito-pesquisador, oriundo do universo do Reisado em Morro do Chapéu, espectador das performances-rituais desta festa e ao mesmo tempo pertencente a esta tradição pelas relações entre o mestre Marcolino, o reisado e a memória individual, e minha memória afetiva enquanto sujeito- pesquisador e assim, registrar e propagar o que for dito e ouvido.

Considero por fim, esta dissertação o resultado de todas as escolhas que me trouxeram até aqui, mas indiscutivelmente, pela busca de comprovar as indagações e lacunas anteriormente apresentadas como inquietações desta pesquisa. Entretanto há uma mobilização pessoal da minha história e identidade morrense, bem como o desejo de entender mais a relação entre memória e as narrativas dos corpos negros; Da história da família de reseiro do mestre

⁵ Nos deparamos com ela na obra do professor e pesquisador de festas populares, entre outros temas, Luís Vitor Castro Júnior, Festa e Corpo(2014).

⁶ Entende-se subalternos como os grupos marginalizados pela historiografia oficial.

Marcolino, presentes na imagética, na corporalidade do homem negro, percebidas através das crenças, valores e tradições do reisado; da função simbólica e histórica-documental da fotografia, instrumento de análise e construção desta narrativa que ergue o universo simbólico que constitui a sociedade morrense. O estudo bibliográfico que alicerça esta pesquisa será desenvolvido a partir da tríade reisado (fé, festa, samba), memória (memória subterrânea), tendo como suporte de análise as fotografias (fontes visuais -documentos) do reisado entre os anos 2010 ao ano de 2017.

Para discutir o conceito Reisado, fenômeno e objeto desta pesquisa tomaremos como base o primeiro capítulo inicia-se as discussões a partir das contribuições de Brandão: Sacerdotes de viola (1981), O que é folclore (1984), viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação (2008); e Torres e Cavalcante: Festas de Santo Reis: aprender é (re)viver (2008), além de outros colaboradores e pesquisadores do fenômeno.

Iniciamos do entendimento que se tem a respeito do início desta manifestação religiosa-cultural. O Pesquisador Barroso (2008) cita os diversos nomes para o Reisado, encontrados por todo o Brasil: Terno de Reis, Tiração de Reis, Folia de Reis, Reisado – de Congo, de Caretas ou de Couro, de Caboclos, de Bailes –, Boi, Rancho de Reis, Guerreiros etc., sendo todos ao mesmo tempo rito, brincadeira de terreiro, cortejo de brincantes e teatro, com encenação da origem do mundo cristão popular, o nascimento do divino, com a participação ativa da comunidade, com diversas linguagens artísticas (música, teatro, dança, artes visuais – nos figurinos e adereços).

Na categoria Memória, recorreremos às contribuições M. Halbwachs em “A memória coletiva” (2006), as reflexões de Michael Pollak apresentadas nos textos “Memória, Esquecimento, Silêncio” (1989) e “Memória e identidade social” (1992), que darão conta de fundamentar a Memória como um elemento fundante da identidade. Ecléa Bosi (1979), na obra “Memória e Sociedade”, fala da memória como um elemento social, construído coletivamente que se realiza no indivíduo.

Assim, entendemos que os reisados se organizam e tem sua gênese na coletividade e, embora inicialmente surja envolvido em um contexto do catolicismo rural, ao adentrar no território interiorano e mais além nas manifestações religiosas-culturais mais genuínas do povo brasileiro, e no caso do nosso recorte, na cidade de Morro do Chapéu, no Piemonte da Chapada Diamantina, adquiriu cores, sons e simbolismos da identidade negra. Por isso é também um local coletivo de resistência/existência desenhada na cosmovisão dos homens negros, quer pelas

práticas simbólicas que configuram os territórios, mas também a memória de todos os indivíduos pertencentes àquela sociedade morrense.

Esta dissertação divide-se em três capítulos: o *capítulo II: “Somos cantador de Reis”* onde apresento de forma breve o que a literatura assegura sobre a origem do Reisado na Europa até o lócus da nossa pesquisa, em Morro do Chapéu-BA; No *Capítulo III: “Deus vos salve, casa santa”* O reisado do Mestre Marcolino como elemento construtor da memória em Morro do Chapéu-BA desenvolvo a categoria Memória a partir do referencial teórico, que possibilite o entendimento além de determinar de qual compreensão de Memória parti e quais memória serão mobilizadas nesta análise; por fim o *Capítulo IV: “Vocês tudo são dos meus troncos mais velhos”* O corpo negro: visualidades e simbologias presentes nas fotografias do reisado do Mestre Antônio Marcolino, dará conta de estabelecer a relação entre o objeto de estudo, o Reisado de Marcolino, dentro do recorte temporal escolhido, e a memória subterrânea, tomando para isto as fotografias (documentos visuais), previamente selecionadas. Tais fotografias serão o suporte para a análise deste fenômeno, da presença dos corpos negros, do reisado do senhor Marcolino e como a interação destes são os elementos construtivos da memória subterrânea⁷, desse homem negro, católico, do interior baiano como desenho da memória desta minoria.

Assim, entende que os reisados se organizam e tem sua gênese na coletividade e, embora inicialmente surja envolvido em um contexto do catolicismo europeu e rural, ao adentrar no território interiorano e mais além nas manifestações religiosas-culturais mais genuínas do povo brasileiro como na cidade de Morro do Chapéu, o reisado adquiriu cores, sons e simbolismos pertencentes à cosmovisão do homem negro e suas extensões: família, Igreja, escola; é a construção coletiva, que define e reforça o sentimento de pertença de um grupo, e da memória dos morrenses, fundada pela tradição religiosa dos corpos negros periféricos e marginalizados frente a sociedade e a memória hegemônica.

⁷ O conceito Memória subterrânea difundido pelo historiador francês, Michael Pollak (1989) surge a partir das histórias dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas. (POLLAK, 1989, p.02). É a memória não hegemônica.

CAPÍTULO II: “SOMOS CANTADOR DE REIS”

*Ô de casa ô de fora
Santo Reis aqui chegou
Vem tirando sua esmola
Visitando os morador.*

2.1 O REISADO EM MORRO DO CHAPÉU

A cidade de Morro do Chapéu é o lócus desta pesquisa, cenário da narrativa contada pelo Mestre Antônio Marcolino, seus corpos negros no reisado. O nome Morro do Chapéu⁸ deve-se à existência de um morrão (formação rochosa com cerca de 1.300m de altura) que tem o formato de um chapéu. Os primeiros registros que se tem notícia sobre a cidade são do início do século XVIII, quando Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva se referiu a correspondências as quais davam notícia da existência de minas e fábricas de salitre. A região, originalmente, pertencente ao extenso município de Jacobina, também foi notada por André João Antonil, um jesuíta que, no entanto, referiu-se à criação e comércio de gado. Por outro lado, o professor Gabriel, em seus livros escreveu sobre a cidade descrevendo as riquezas da então vila. Segundo o professor, o nome da vila derivava do morro, que está a mais de mil metros acima do nível do mar e deu nome à Freguesia, hoje próspera Cidade do Morro do Chapéu.” (FERREIRA, 2015, p. 33-34)

Esta formação rochosa, por ser o ponto mais alto da cidade, era usada pelos bandeirantes que passavam por aquelas estradas em busca de minas de pratas e diamantes, como referência de sua jornada em direção ao estado de Minas Gerais. Suas terras que até então pertenciam à antiga fazenda Gameleira, são frutos da doação feita para a construção da primeira capela em homenagem à Nossa Senhora da Graças⁹, padroeira da cidade, em comemoração à chegada dos primeiros missionários que dariam início da catequese no ano de 1795, como proposta de expansão do catolicismo no interior da Bahia.

Localizada a noroeste da capital do estado, na Chapada Diamantina, cerca de 384 km (Trezentos e oitenta e quatro) da capital baiana, Salvador, Morro do Chapéu possui uma

⁸ Notas históricas e religiosas da Freguesia de Nossa Senhora da Graça do Morro do Chapéu, a pedido dos Reverendos Vigários da dita Freguesia, e Colecionadas pelo Professor Antônio Gabriel de Oliveira, natural do Morro do Chapéu, firmado em documentos autênticos e na tradição de antigos moradores”, 1933, IMNSGMC (IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE MORRO DO CHAPÉU.) FERREIRA (2015)

fincadas na agropecuária de subsistência, uma atividade presente desde os primeiros dias de sua formação, impulsionando o desenvolvimento de vila para cidade. Essa dinâmica foi posteriormente substituída pela extração de diamantes, ocorrendo na então Vila do Ventura, situada a 26 km da sede do município. Essas atividades econômicas e comerciais garantiram a participação ativa de Morro do Chapéu no cenário comercial internacional baiano durante o século XIX, conforme registrado pelo historiador e estudioso Moisés Sampaio (2017).

Hoje, para além de sua riqueza natural e histórica, a cidade é reconhecida como um destino para o Enoturismo, com destaque nacional para a vinícola VAZ, localizada a aproximadamente 3 km da sede do município. Com 5 hectares de área plantada e rótulos premiados, Morro do Chapéu ostenta, no ano de 2023, o título de "capital do vinho da Chapada Diamantina".

A “cidade das flores”, como também é chamada, abriga em suas tradições manifestações culturais afrocentradas como, por exemplo, a devoção a São benedito, “o santo negro”, o samba de roda, a presença de religiões de matriz africana, comunidades quilombolas e os reisados, com destaque para a relevância do mestre Marcolino, reseiro mais antigo da cidade que é considerado um construtor da identidade morrense. O reisado, que mesmo sendo uma tradição religiosa eurocentrada, relaciona-se com as práticas religiosas do catolicismo popular, grafando suas tradições nos ritos, danças, simbologias e nos corpos negros que o sustentam.

De acordo com Eloísa Brantes (2007), o catolicismo é formado pela experiência corporal dos devotos, cabe ao praticante beber de todas as fontes, de modo que o sincretismo é a própria condição de acesso à plenitude e multiplicidade do sagrado. Resultante de processos de miscigenação, comum em toda América Latina, ou mais ainda do processo de colonização, o reisado se formatou no conflito das diferenças e buscou nova formação através da coexistência, ou do que Néstor García Canclini (2012), filósofo e antropólogo argentino, identificou por *hibridismo*, que se apresenta neste recorte-contexto, como desenho-narrativa de uma memória subterrânea. É sintoma e herança de comunidades negras que ali resistiram e dele se apropriaram e aglutinaram à sua própria identidade, com seus cânticos, danças, cores, corpos e performances. Está presente na Chapada Diamantina em outras cidades e municípios, além de Morro do Chapéu, como parte da forte devoção católica popular, mesmo nas comunidades autorreferenciadas como quilombolas.

Muniz Sodré (2005) em *A verdade seduzida* propõe-nos a noção de reposição brasileira, ao discutir as trocas ocorridas entre negros e brancos, entre mito e religião, entre negros e

mulatos e, por fim, entre negros de etnias distintas, a partir das quais formas essenciais de diferença simbólica (africanas) foram preservadas no Brasil (SODRÉ, 2005, p. 101).

Em Morro do Chapéu, encontramos nas comunidades quilombolas¹⁰ existentes, cerca de 12(doze) territórios reconhecidos oficialmente, as narrativas sobre a escravidão, as dificuldades, a dureza da vida, mas também, sobre religiosidade, ritos, cânticos e danças, todos estes elementos compondo e estruturado nas manifestações católicas. Nas memórias de seus antepassados encontramos indícios de que estes entenderam que a dança, o samba, e o movimentar de seus corpos negros, era uma maneira de fortalecer a sua identidade, reafirmar o seu lugar de pertencimento, aliados às tradições católicas rurais do interior do Brasil.

Le Goff (2003), historiador francês, que conta a história na perspectiva ocidental e eurocêntrica, reconhece que as fontes históricas e registros são instrumentos para recontar as histórias. E reconhece na oralidade e ainda na sua transcrição para a escrita uma relação dinâmica e necessária “pois não há sociedade sem história”. (p. 53), o que confirma a necessidade do registro do reisado do mestre Marcolino, uma tradição oral passada de geração a geração pelos sujeitos deste fenômeno.

A história de Morro do Chapéu enquanto cidade, está intimamente ligada às práticas católicas iniciadas pela população branca da cidade, as primeiras ruas, a primeira capela erguida, mas há também nesta história elementos que comprovam a presença de homens negros, e a participação destes na sociedade e nas manifestações do catolicismo da cidade, como documentou o historiador Jackson Ferreira (2014), na sua obra intitulada *Gurgalha*, na qual relata não só a presença física desses corpos negros, como também, a relevância destes no desenvolvimento e construção da vila para a cidade de Morro do Chapéu. Estes “homens de cor”, termo usado no texto originário, estavam presentes na cidade e juntamente com os demais foram erguendo as tradições religiosas e sociais dos futuros morrenses, e esta presença possibilitou que o reisado se tornasse elemento construtor da cultura, da memória coletiva, das afro-memórias e da história da cidade.

¹⁰ Segundo o Art. 2o Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (Brasil, 2003).

Figura 02: fotografia da praça D. Pedro II, festa de São Benedito 1910. Autor desconhecido.



Fonte: Arquivo particular Carla Meneses, Morro do Chapéu.

A partir da análise da fotografia acima, pode-se perceber que além da presença do catolicismo neste evento religioso, tem-se um registro sociocultural da festa. Esta festa dedicada ao São Benedito¹¹ “o santo negro”¹², que era o festejo frequentado em sua maioria por homens negros e pobres da cidade. (SAMPAIO, 2017, p,34).

Segundo Santana (2003) mestre em História social, em seu artigo sobre Devoções católicas, na Bahia colonial, observamos a presença de santos negros, os cultos a esses santos têm suas raízes na Idade Média, anterior ao período de expansão portuguesa. Dentre eles está o culto à São Benedito, para a autora tais cultos só eram possíveis graças às irmandades¹³ formadas pelos escravos e por negros libertos. (SANTANA, 2003). O culto de São Bendito na Bahia colonial está associado principalmente à irmandade do Rosário, embora também apareça de forma isolada em outras regiões do recôncavo e do interior baiano. O santo franciscano, São

¹¹ Livro de Fábrica da Igreja de Nossa Senhora da Graça de Morro do Chapéu, diversos anos, IMNSGMC, Secretaria, Livro de Fábrica da Igreja de Nossa Senhora da Graça do Morro do Chapéu.

¹² Um indivíduo escravizado, cuja humildade e obediência foram os principais atributos que o elevaram à posição de primeiro negro beatificado oficialmente no Ocidente, em 1763.

¹³ As Irmandades religiosas negras surgiram aproximadamente no século XVI pelas ordens terceiras, ou seja, por leigos. Constituíam uma forma de reunião social, foi a grande responsável pela formação e vida religiosa da população.

Benedito, foi venerado em todas as localidades onde a ordem franciscana desempenhou suas atividades.

Entre os objetos litúrgicos da missão franciscana do Senhor Bom Jesus na Vila de Jacobina, destinada aos índios paiaíás em 1739, destaca-se uma imagem de barro de São Benedito, evidenciando a amplitude de sua devoção (Almeida, 1994: 109-110). Neste período, Morro do chapéu pertencia ao município de Jacobina, o que nos situa histórico-socialmente na presença das tradições católicas sustentadas pelos corpos negros.

Neste contexto histórico, para cristianizar os grupos explorados nas colônias portuguesas, foi necessário fornecer-lhes uma identidade cristã. O culto aos santos negros e o contato com as lendas sobre ancestrais negros cristãos desempenharam a função de estimular essa identificação. Ademais, Santana (2003) afirma que

O culto a imagens foi o veículo principal para expansão do ideal da Cristandade – que coloca todos os povos como sujeitos da mensagem cristã –, em especial durante as idades Média e Moderna, não somente pela flexibilidade adotada quanto à natureza da veneração devida aos santos, mas também pela diversidade destes muitos dos quais pertencentes a diferentes povos e culturas. (SANTANA, 2003, p.2).

A história de São Benedito, também conhecido como "o Mouro", "o Negro" e "o Africano", é permeada por discriminação. Apesar de ter se dedicado por anos à Igreja Católica, nunca foi ordenado sacerdote. Esse fato está diretamente relacionado à sua cor, refletindo a discriminação que tanto ele quanto seus devotos enfrentaram ao longo do tempo.

Na cidade de Morro do Chapéu, a devoção a São Benedito tem raízes históricas, conforme evidenciado pela fotografia analisada (figura 02), um documento datado de 1910. Na comunidade católica negra de Morro do Chapéu, as festividades em honra a São Benedito eram consideradas o ponto alto do calendário católico. Essa tradição era mantida por famílias da comunidade católica que, a cada ano, eram selecionadas para desempenhar esse papel de anfitrião. Essa prática tradicional ainda persiste até o ano de 2023. Esse período não apenas simbolizava uma manifestação de fé, mas também um momento de pertencimento, reconhecendo a presença desses indivíduos na sociedade de Morro do Chapéu em 1910. Essa devoção ao "santo negro", compartilhada com outros eventos festivos na Bahia, destaca a afro-memória como um elemento crucial na construção da identidade e memória coletiva dos moradores locais.

Destarte, ao examinar essas fontes visuais, que representam registros da história dos negros na localidade, constatee a persistência do catolicismo negro, termo advogado por Raimundo Nina Rodrigues que analisa a integração do corpo negro na sociedade brasileira.

Essa análise destaca a interação entre a religião católica e as práticas culturais africanas, como danças, músicas, performances e tambores.

Na obra *Os africanos no Brasil*, Rodrigues (2010), afirma que

Diante das violências da polícia, as práticas negras se furtarão à publicidade: hão de refugiar-se nos recessos das matas, nos recônditos das mansardas e cortiços: se retrairão às horas mortas da noite; se ampararão na proteção dos poderosos que buscam as orgias e devassidões que elas lhes proporcionem; tomarão por fim as roupagens do catolicismo e da superstição ambientes. Mas essas práticas, no sentimento religioso que as inspira, hão de persistir enquanto a lenta evolução da Raça Negra deixar o Negro, o Negro antropológico atual. (RODRIGUES, 2010, p.271).

Segundo Rodrigues (2010), apesar do processo de mestiçagem tão característico do Brasil e que ele via como uma via de degradação da sociedade em um futuro distante, ainda era perfeitamente possível encontrar na Bahia uma espécie de “estratificação das sobrevivências morais africanas” em estado de “admirável pureza.” (RODRIGUES, 2010, p. 272).

Tal manifestação cultural se interioriza para algumas cidades do recôncavo baiano e outras cidades da Bahia, como Jacobina até chegar à Chapada Diamantina, e em Morro do Chapéu, lócus desta pesquisa. Movimento comum em todo o Brasil colonial que se estendeu até o interior, unindo traços do catolicismo europeu com elementos da cultura africana, que ora eram perseguidos, e ora, quando convinha, aceitos como uma forma de legitimação do negro na sociedade colonial escravista. A liberação por parte da Igreja Católica para o culto ao santo negro camufla seu real intento. Ao validar este culto, remete a um modelo de santos, escravos e submissos, necessário para inspirar nos africanos a obediência, fundamental para a manutenção da escravidão na colônia, o que perdurou por muitos anos mesmo no período pós-abolição.

Atualmente, em Morro do Chapéu, a celebração em honra a São Benedito permanece vibrante e integrada às práticas dos católicos locais, constituindo parte essencial do calendário eclesiástico da cidade. Essa comunidade continua alegremente seguindo os rituais de celebração, os quais incluem a novena, a coleta de esmolas, a celebração da missa e culminam com uma solene procissão, como podemos perceber no registro abaixo da procissão do ano de 2023, no andor a imagem do Santo Negro, e na procissão os devotos do São Benedito, que em sua maioria, ainda é composta por homens negros.

Figura 03 - Imagem da procissão em homenagem a São Benedito, 2023.



Fonte: Jornal Correio do Sertão.

A prática de coletar esmolas por meio de rituais, também conhecidos como “Esmola Cantada”, durante as festividades, é uma manifestação da cultura popular observada em diversas regiões do Brasil, pertencente ao Catolicismo popular. (CASCUDO, 1972).

Bakhtin(2010) em sua obra “Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” analisa as festas populares realizadas nas praças e ruas dedica um capítulo especial à presença do comer nestas manifestações. Segundo o autor, o banquete é a simbologia da fartura e a “parte popular e pública da festa” (BAKHTIN, 2010, p. 200), essa dimensão festiva da celebração, e na cosmovisão do homem negro e ainda da intencionalidade cristã, é a partilha com a comunidade. Segundo Bakhtin (2008)

O comer e o beber são uma das manifestações mais importantes da vida do corpo grotesco. As características especiais desse corpo são que ele é aberto, inacabado, em interação com o mundo. É no ‘comer’ que essas particularidades se manifestam da maneira mais tangível e mais concreta: o corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo, fá-lo entrar dentro de si, enriquece-se e cresce às suas custas. O encontro do homem com o mundo que se opera na grande boca aberta que mói, corta e mastiga é um dos assuntos mais antigos e mais marcantes do pensamento humano. O homem degusta o mundo, sente o gosto do mundo, o introduz no seu corpo, faz dele uma parte de si.1. (Bakhtin 2008, p. 129).

De acordo com Pedro Ribeiro de Oliveira (1983, p. 113), o catolicismo popular engloba as representações e práticas religiosas dos católicos que não requerem a intervenção da

autoridade eclesiástica para serem adotadas pelos fiéis. Dessa forma, o culto aos santos e o sincretismo religioso em relação aos fenômenos naturais se distinguem claramente dos sacramentos e da catequese formal. Nesse sentido, Pedro Ribeiro de Oliveira (1983), afirma que

As práticas religiosas desenvolvidas pelo imaginário popular, a partir dos símbolos introduzidos no Brasil pelos missionários portugueses, e aos quais se juntaram símbolos indígenas e africanos, são a essência do catolicismo popular brasileiro, um jeitinho bem peculiar das classes subalternas ressignificarem os códigos do catolicismo oficial. (OLIVEIRA, 1983, p. 135).

Em toda Bahia, percebia-se um período caracterizado por um intenso calendário de festas religiosas, alinhado a uma fase importante do ciclo colonial associada à colheita. Isso levava a um aumento na participação dos negros nas celebrações festivas. Uma dessas festividades incluía a comemoração dedicada aos Reis Magos, ocorrendo durante em 6 de janeiro, como parte de um conjunto significativo de festividades católicas integradas ao período natalino. Com o tempo os negros se apropriaram cada vez mais desses festejos, interiorizando e conferindo à esta manifestação católica portuguesa cada vez mais traços e símbolos da cosmovisão do homem negro.

Decerto, que para além de um ritual religioso popular, a devoção a São benedito se encontra com a manifestação e devoção a Santos Reis (parte das festas da epifania) objeto de estudo desta dissertação. Neste contexto, o reisado funciona como um elemento de afirmação de identidades locais, coletivas e individuais tendo no corpo negro, na tradição oral, um poderoso suporte da memória coletiva, pois é através das práticas corporais que as tradições e histórias são transmitidas de geração em geração. Ao participar dessas práticas, as comunidades podem manter viva a sua cultura e história, e as gerações mais jovens podem aprender e se conectar com o seu passado de uma forma tangível e significativa.

2.2 A ORIGEM DO REISADO

Esta pesquisa dedica-se a entender o Reisado, festa religiosa-popular que está presente em várias regiões do Brasil desde a época da colonização, e o percurso desta manifestação que foi sofrendo variações regionais resultantes das transformações através dos tempos e do contato com a cultura dos povos originários (indígenas e afro-brasileiros). Mas além disso, volta-se especificamente para o reisado do Mestre Antônio Marcolino, na cidade de Morro do Chapéu, localizado na Chapada Diamantina no interior da Bahia.

Com o intento de comprovar que o reisado do mestre Marcolino, um patrimônio imaterial, é reconhecidamente um elemento da memória coletiva, vai além do que está posto pela memória oficial. Ao entendermos o reisado como um lugar de resistência, entendo também como um elemento construtor da memória subterrânea, uma memória que existe no silenciamento e na negação das culturas não hegemônicas, ou seja, uma memória que existe a partir das minorias. No tocante a esta pesquisa a minoria que será ouvida será a memória do homem negro, reseiro do interior baiano.

Para tal fez-se necessário compreender o surgimento do reisado, refazendo o seu caminho inicial até o continente europeu, e a primeira afirmativa que há na literatura é firmar que a origem do reisado está diretamente relacionada com o surgimento da religião cristã, branca e eurocentrada. E em segundo momento, entender o percurso do reisado no Brasil até chegar à região do Nordeste, na Bahia, no Piemonte da Chapada Diamantina e em Morro do Chapéu, tendo como expoente desta manifestação a tradição familiar do Mestre Marcolino.

Consideramos que o cristianismo teve seu surgimento no Oriente Médio, mais exatamente, na Judeia com o nascimento de Jesus Cristo, no entanto é na Europa que ele se dissemina. Esse processo ocorreu por meio da utilização de um vasto processo de apropriação e incorporação de inúmeros elementos de diferentes origens em seus rituais cristãos, como mecanismos de evangelização, como o teatro, as artes, a música, entre outros.

A festa é realizada entre o Natal e o Dia de Reis, que é celebrado em 6 de janeiro, tendo incorporações diversas dos ritos da Europa. Dentre elas podemos destacar o ritual do Reisado e a criação do Presépio – um ritual cristão em que estão representadas a cena do nascimento de Jesus Cristo e a visita dos três reis magos, Gaspar, Melchior e Baltazar, levando consigo os presentes para o filho de Deus. Tal rito tem como objetivo celebrar o nascimento de Jesus Cristo, com uma série de representações simbólicas que no Brasil misturam elementos cristãos com elementos pagãos e indígenas.

No Brasil, considera-se que a tradição da “Folia de Reis” tem sua origem relacionada ao período colonial no século XV, Brandão (1977), ao analisar o reisado em seu contexto enquanto colônia portuguesa, de surgimento no Brasil e como ele se consolidou no catolicismo popular precisamente no interior brasileiro, entende o reisado como resultante de sucessivos atos de criação popular, apropriação e expropriação canônica, resistência popular e reintegração eclesiástica. (BRANDÃO, 1985, p.8-9).

Segundo Brandão (2010), essa manifestação foi introduzida pelos colonizadores portugueses e espalhou-se por várias regiões da colônia, construindo características próprias

em função da região em que se desenvolveu e agregando elementos típicos das regiões, por isso a denominação varia de lugar para lugar, sendo conhecida como “Terno de reis”, “Folia de reis”, “Cortejo de reis”, Aldeia, como “Festa dos Santos Reis”.

Durante a festa de Reis, um grupo de pessoas se veste com trajes coloridos e sai pelas ruas da cidade ou do povoado, cantando e dançando músicas tradicionais, religiosas que foram gradativamente incluídas no repertório de cada cultura e identidade desses lugares. As vestimentas dos participantes do Reisado são ricas em cores e detalhes, refletindo a diversidade cultural do Brasil, sendo um elemento importante de identificação e composição do reisado; com chapéus enfeitados, fitas coloridas, tecidos brilhantes e adereços tradicionais fazem parte das indumentárias, contribuindo para a visualidade festiva e encantadora do ritual.

O grupo é liderado por um mestre violeiro que conduz seu grupo-família de porta em porta entoando as canções do reisado levando consigo além da viola, tambores e do pandeiro muita devoção e fé. Também caracterizado pela presença de personagens simbólicos, como os Reis Magos, o Mestre, o Contramestre, a Marujada, a Dama, o Palhaço, entre outros. Cada personagem possui um papel específico na encenação e contribui para a narrativa e o desenvolvimento do ritual e representa diferentes elementos da cultura e da história regional, em uma espécie de performance ou ritual litúrgico (com início, meio e fim) que se repete em cada casa visitada. Esta casa é abençoada pelos reseiros que recebem um caloroso “banquete” oferecido pelos donos da casa em agradecimento pela visita do grupo.

A visita do reisado é encerrada com uma comunhão de corpos em uma roda na sala das casas que abriram as suas portas, celebrando com fé, festa e devoção mais um Natal. Assim, a dança é um elemento central no Reisado, com movimentos rituais que envolvem passos marcados e coreografias coletivas. As músicas são cantadas ao som de instrumentos musicais tradicionais, como violas, sanfonas, tambores e pandeiros, e apresentam letras que retratam temas religiosos e populares. Dessa forma, é uma festa rica em tradições e simbolismos que refletem a diversidade cultural e religiosa do Brasil e do interior brasileiro.

Brandão (1983), em sua obra *Memória do Sagrado*, afirma que a celebração é uma forma de manter viva a memória das tradições e histórias regionais e um exemplo de como a cultura e a religião se fundem em um contexto festivo. A festa é uma importante forma de expressão cultural e patrimônio imaterial do Brasil, sendo preservada em muitas regiões como uma manifestação popular de grande importância.

O pesquisador Guilherme Porto (1982), ao analisar os rituais das festas populares, em especial, a festa de Reis, aponta que o reisado apresenta um caráter “sagrado-profano” é fé,

religiosidade, mas também é folia. A interpretação de Castro e Couto é que a folia seria composta por amigos, parentes, compadres e aliados do mestre, os quais se reúnem para a jornada dos Reis, os autores ressaltam que tal tradição é passado de geração a geração, através da tradição oral. De modo geral, os estudiosos da Folia de Reis, do Terno, ou do Reisado, comungam com a ideia de que estamos diante de uma festa religiosa, reconhecida como patrimônio cultural, herança das gerações passadas transmitida às futuras gerações como missão, mistério e muita fé. Do mesmo modo, o reisado do mestre Marcolino, em Morro do Chapéu, se organiza e existe neste jogo delicado entre sagrado e profano, entre corpo e alma, passado e presente.

O Reisado também é considerado um folguedo, um termo utilizado para se referir a uma forma de manifestação cultural, geralmente de origem popular e tradicional, caracterizada por ser uma apresentação teatral, dança, música ou outra forma de expressão artística que envolve um grupo de pessoas. Brandão afirma que considero aqui um folguedo ou um auto folclórico como um ritual. (Brandão, 1983, p. 198). Os folguedos são encontrados em diversas regiões do mundo e são uma parte importante do patrimônio cultural de muitos países. No Brasil, por exemplo, os folguedos são muito comuns e representam uma parte significativa da cultura popular de diversas regiões. Essas manifestações culturais geralmente são realizadas em datas festivas, como festas juninas, carnaval, entre outras, e possuem uma forte carga simbólica e histórica, sendo passadas de geração em geração. Os folguedos são uma forma de preservar e valorizar a cultura e a identidade de um povo.

Assim, o reisado também se configura como um folguedo que narra a viagem dos Reis Magos ao encontro do Menino Jesus – o Deus Menino, no dizer dos reseiros. Ele remete às tradições populares existentes na Europa Medieval, tendo sua origem vinculada a trechos bíblicos que, ao longo dos séculos, foram incorporados novos elementos e, com isso, segundo Torres e Cavalcante (2008), estruturando dramas litúrgicos com finalidades de ensino religioso cristão. Torres e Cavalcante (2008), afirmam ainda que: O episódio dos Magos do Oriente, desde cedo, tornou-se um dos temas prediletos para efeito de dramatização que, a princípio, eram realizados no interior das igrejas, foram, pouco a pouco, popularizando-se, transportados para os espaços abertos – praças e ruas. (TORRES e CAVALCANTE, 2008, p. 200).

Aos poucos deram origem aos cortejos religiosos realizados nas ruas e praças das cidades, tornaram-se comuns em diferentes regiões da Europa, tanto nos espaços urbanos quanto nos espaços rurais, conforme nos afirmam Torres e Cavalcante (2008), bem como grupos familiares no âmbito dos povoados rurais.

Tais estudiosos concordam com a afirmativa que a tradição do Reisado era uma forma de reforçar a religiosidade do povo, já que a celebração está associada às festividades cristãs do Natal. Dessa forma, acreditamos que o Reisado teve um papel importante na formação e desenvolvimento do Brasil, sendo utilizado pelos portugueses como uma ferramenta de catequese, para converter os povos indígenas e africanos ao cristianismo, no entanto, concordamos com o entendimento de que essa “conversão” na realidade foi um processo violento simbólico de apagamento da cultura e identidade desses povos, desconsiderando as religiões pertencentes aos povos originários, um *modus operandi* do homem branco colonizador.

Assim sendo, a expansão do Reisado no território brasileiro se deu a partir da chegada dos portugueses no século XVI, trazendo consigo as suas tradições e costumes, incluindo o Reisado. A partir daí, a manifestação cultural foi se adaptando às características locais de cada região, recebendo influências da cultura africana e indígena, como os ritmos, instrumentos musicais, e o samba.

Embora a origem do reisado, esteja associada ao cristianismo ibero-europeu e mais precisamente ao catolicismo rural, no Brasil sua gênese tem relação direta com o Brasil colonial e a ação dos padres jesuítas que viram o reisado com instrumento didático-pedagógico das doutrinas e valores cristãos. Atualmente, o Reisado continua sendo celebrado em diversas partes do Brasil, em especial no Nordeste, mantendo viva a tradição e a cultura popular do povo brasileiro.

No Nordeste do Brasil, em particular, o Reisado se tornou muito popular e se espalhou por vários estados, sendo considerado uma das principais manifestações culturais da região. O Reisado nordestino tem características próprias, com variações de acordo com cada estado e até mesmo com cada cidade. Em alguns lugares, a festa é marcada por danças e cantorias, enquanto em outros há a presença de personagens típicos que desfilam pelas ruas.

A expansão do Reisado no Brasil também foi influenciada pela religiosidade do povo brasileiro, já que a manifestação cultural é celebrada durante as festividades de Natal, data importante para a religião cristã. Além disso, o Reisado também se tornou uma forma de preservar a cultura popular e a história de cada região, passando de geração a geração pela tradição oral. Segundo Alessandro Portelli (1997), fontes orais são narrativas que permitem relatar uma longa experiência em poucos aspectos ou detalhar breves situações.

Na Chapada Diamantina, a tradição cultural popular, o reisado, está presente em diversos municípios, como no lócus desta pesquisa em Morro do Chapéu. O reisado é a denominação que mais prevalece na região, embora receba também outras nomenclaturas como *Reis ou Terno de Reis*. Em Morro do Chapéu, encontramos esses três exemplos, embora haja diferenças entre a estrutura do reisado como a do Terno de Reis, neste último tem sua origem relacionada com famílias mais abastadas, com maior influência social e em geral por pessoas brancas, sendo livre o acesso das pessoas da comunidade como uma prática festiva, cultural ou lazer. Nas imagens apresentadas abaixo, podemos observar o registro de um "terno de reis", organizado por Dona Hilda, uma antiga parteira da cidade (in memoriam). Ela, em colaboração com vizinhos da rua Andrade e Padre Inácio Vasconcelos, localizados no centro de Morro do Chapéu, desempenhava o papel de coordenadora e organizadora desses ternos a cada Natal. O trabalho abrangia desde a escolha da temática específica, das vestimentas, cores e acessórios, até as letras das músicas. Tudo era meticulosamente planejado e confeccionado pelo grupo organizador, que realizava esse esforço de forma voluntária, com o objetivo de preservar a tradição morrense.

Nessas fontes visuais abaixo, é capturado um dos últimos ternos organizados por esse grupo, cujo tema era "as farolistas". Devido à abordagem coletiva em todas as etapas, da concepção à execução, era solicitada uma taxa simbólica de participação a cada envolvido, como uma forma de unir esforços para preservar a tradição.

Figura 04: Exemplo de Terno de reis “As farolistas” organizado por Dona Hilda, registro pessoal da minha infância no ano de 1994, em Morro do Chapéu-BA.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 05: Terno de reis “As farolistas” em Morro do Chapéu-BA no ano de 1994.



Fonte: acervo pessoal.

Contata-se que há presente os elementos comuns aos ternos, as músicas, as danças, os instrumentos, as performances e as reverências ao nascimento do menino deus. Além da tradição de percorrer ruas e casas das cidades anunciando o Natal e saudando os santos Reis. No entanto, o lugar desse terno difere do Reisado do mestre Marcolino, pois, não havia a figura do mestre, não se trata de um grupo familiar que o mantinha, não temos homens negros, que vivem o reisado o ano inteiro, como missão de fé. Trata-se de uma tradição festiva, comemorativa, além de abrigar diferentes classes e pessoas da comunidade morrense. Sem embargo, de acordo com o mestre EXDELL (2017), essas duas festas coexistiram de forma harmoniosa, apesar das diferenças socioeconômicas e culturais

A realização de dois tipos de celebrações, os ternos de reis e o reisado, correspondiam à classe social dos organizadores. Os ternos de reis eram bailes temáticos – o das Margaridas, Borboletas, Bobozinhos, Periquitos, Farolistas, entre outros – constituídos por grupos de crianças fantasiadas que visitavam as casas do centro, cantava músicas religiosas e realizavam coreografias nas ruas e na frente da igreja. Os reisados, expressão e domínio dos grupos de negros e mestiços oriundos da zona rural e periferia da cidade, eram festas de samba. As duas tradições, porém, coexistiam em harmonia relativa. (EXDELL, 2017. P.102).

O Reisado, geralmente é associado a um líder, chamado de mestre, este personagem é quem definirá o nome do reisado, no caso desta pesquisa, nos debruçarmos sobre o reisado do mestre Antônio Marcolino. Ele é o protagonista desta narrativa, será este mestre o responsável

por levar adiante a tradição do Reisado juntamente com a sua família, da identidade e pertencimento da tradição do Santo Reis, eles são chamados de reseiros ou ainda os reseiros e o mestre Marcolino.

Foi a família dos Marcolinos e dos seus antepassados, dos festejos que esses homens viveram com fé e devoção, pelo suporte e resistência dos seus corpos negros, que defendemos o reisado do mestre Antônio Marcolino, como um patrimônio cultural de morro do chapéu e da insistência por continuar e existir, que se configuram como elemento construtor da memória subterrânea dos morrenses.

2.2.1 Fé, festa e samba

FÉ

A tradição do reisado na cidade de Morro do Chapéu, se constitui como suporte da memória coletiva. Embora a origem do reisado, tradição religiosa- cultural, esteja associada ao cristianismo ibero-europeu e mais precisamente ao catolicismo rural, no Brasil sua gênese tem relação direta com o Brasil colonial e a ação dos padres jesuítas que utilizaram o reisado com instrumento didático-pedagógico das doutrinas e valores cristãos. Ao ocupar o interior do país, juntamente com a expansão das cidades e do cristianismo, o reisado, ou terno de reis, como também pode ser chamado, foi se consolidando como manifestação popular religiosa mesmo nas comunidades autorreferenciadas quilombolas¹⁴, como a comunidade Barra II, território a 12 (doze) km do centro de Morro do Chapéu-BA lócus da pesquisa.

Partindo desta tradição religiosa e do núcleo familiar do mestre Marcolino, o reisado foi se erguendo na Memória coletiva de Morro do Chapéu. O historiador Ulpiano de Meneses na obra *A História cativa da Memória?* afirma que a Memória é um processo permanente de construção e manutenção. (ULPIANO, 1992, p.23) que nas comunidades de tradição oral é transmitida, geração a geração, pela história oral, elemento que sustenta a cosmovisão do homem negro. É o sagrado personificado na memória e na ancestralidade através da oralitura¹⁵, que perpetua a tradição/memória, a cultura e a cosmogonia africana presentes nesta tradição católica-africana, estabelecida pelo processo sincrético, um elemento imagético negro-brasileira, que faz da tradição oral veículo místico para perpetuar a tradição/memória, a cultura,

¹⁴ A maior parte da escravidão de Morro do Chapéu era crioula, seguindo o padrão da comarca de Jacobina a qual pertencia até 1864 (Vieira Filho, 2009).

¹⁵ Oralitura: neologismo identificado na autora que sublinha as qualidades literárias do jogo e a tradição oral africana.

a identidade, ultrapassando a limitação tempo-espço das memórias afrográficas em signos, em performances, com os corpos negros, para reinventar um novo quilombo, atemporal e iconográfico.

O mestre violeiro, Antônio Marcolino, é o protagonista desta narrativa, analisa-se a vivências do reisado, tomando como referência os anos em que esteve à frente o mestre Marcolino, entre 2010 até o ano de 2017, ano do seu “encantamento”. Partindo desta tradição religiosa e do núcleo familiar do mestre Marcolino que o reisado foi se erguendo como suporte da Memória coletiva dos morrenses. Segundo o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1985), estudioso da folia de reis, (outra nomenclatura para os festejos que ocorrem entre 31 de dezembro a 06 de janeiro nas festas de Natal), o reisado, pode ser entendido como um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas — bens e serviços — entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula. (BRANDÃO, 1981, p.33).

Estudos recentes do doutorando Ribamar Oliveira (2022), pesquisador do reisado e dos corpos brincantes desta folia, afirma que, o reisado é um acervo de gestos e movimentos herdados da tradição e encorpados pelas afrografias da memória que materializam a vida, percorrendo as narrativas tradicionais e alargando os limites discursivos, corporais e imagéticos. Entendemos *Afrografias*, termo cunhado por Leda Martins (1997), como a relação entre rito e memória, grafadas através da *oralitura* e nos corpos negros, ambos assimilados como *suporte da memória*.

O suporte de acordo com Ulpiano (2007) realiza-se em categorias as quais ele elenca como: a linguagem, a cerimônia, o corpo, os objetos materiais. Memória, então é toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo se converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer. (MENEZES, 2007, p.44)

Assim o reisado se configura como este suporte simbólico da memória coletiva. Sendo material no que tange os elementos empíricos, corpo, dança, música, instrumentos, cores; e simbólico pela manifestação da fé, da devoção, por pertencer à cultura popular e pela significação que possui para os próprios indivíduos que o praticam ano após ano.

Para o mestre Marcolino é simbólico a ao mesmo tempo material, é a sua missão de vida, sua herança, e ao mesmo tempo é concreto, nas canções que ele entoa, na viola tocada, no chapéu cuidadosamente enfeitado de fitas coloridas.

Pierre Nora (1993) na obra *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, ressalta uma outra questão na construção da memória, o que ele definiu como *a vontade de memória*, antes apontada como fundamental para a constituição dos lugares: ao lado da “vontade dos homens” é posto o “trabalho do tempo” como instrumento de constituição dos lugares de memória sem essa vontade, os lugares seriam modificados para lugares da história.

Brandão (1983), na obra supracitada, nos fala dessa mudança e relação entre a folia sagrada e o profano. De acordo com o autor, houve um tempo no Brasil que era comum nas festas religiosas a dança, inclusive por parte do clero, um monte de comunhão entre todos, brancos, negros e mestiços, mas que motivados por mudanças ideológicas e estruturais na Igreja durante a Contrarreforma, no século XVI, proibiu-se a dança dentro das igrejas durante os festejos transferindo-as para as ruas e roças do território brasileiro, tais festejos passou a ser considerado “pagão” e nomeou-se os de “folia” e os seus praticantes de “foliões”.

Em suma, como afirma Brandão (1983) na referida obra, sempre foi comum ao homem branco considerar misterioso, condenável ou estranhas as práticas e rituais religiosos dos homens brancos ou como o autor nos apresenta “coisa dos pretos” que incorporaram às tradições do catolicismo popular e interiorano simbologias e saberes da cultura do homem negro. (BRANDÃO, 1983, p.42).

No Brasil as festas religiosas foram o instrumento utilizado pela coroa portuguesa no intento de criar uma unicidade entre os diferentes povos que aqui conviviam no período colonial, agindo como ponte entre as culturas negras, indígenas e os portugueses, as festividades religiosas foram o elo necessário para a comunicação de povos tão diversos, sendo assim as festas no Brasil sempre estiveram diretamente ligadas à identidade brasileira, como nos nossos dias atuais.

FESTA

No coração pulsante da Bahia, as festas religiosas populares emergem não apenas como celebrações efêmeras, mas como palcos vibrantes onde se entrelaçam fé, cultura e identidade. O conceito de festa, nesse contexto, transcende sua definição mais básica, transformando-se em uma expressão palpável da alma comunitária, onde o sagrado e o profano dançam em uma harmonia complexa e colorida.

Dentro desse espectro festivo, o Reisado se destaca como um dos mais ricos e multifacetados. A celebração, que tradicionalmente honra os Reis Magos e a Epifania, na Bahia é infundida com uma energia própria, enraizada nas tradições e no espírito do povo afro-

brasileiro. Conforme Turner (1969) ilustra, a festa é um fenômeno social que proporciona uma experiência comunitária de comensalidade e partilha, mas na Bahia, ela vai além, servindo como um momento de reafirmação de uma identidade coletiva resiliente e dinâmica.

Roger Bastide (1978) nos lembra que as festas religiosas são a expressão máxima da religiosidade popular. Na Bahia, essa expressão é marcada pela presença e pelo protagonismo do corpo negro, que se torna um elo entre o passado e o presente, entre o ancestral e o contemporâneo. As performances do Reisado são um tributo vivo à herança africana, um espaço onde as narrativas são tecidas não só com palavras, mas com o ritmo e o movimento dos corpos que dançam a história de seu povo.

Roberto DaMatta (1987) argumenta que as festas são ocasiões em que as hierarquias sociais são desfeitas, onde o povo se une em igualdade e alegria. Essa suspensão temporária do cotidiano permite uma visão da sociedade onde os valores são invertidos e a liberdade cultural é plenamente exercida. O Reisado, assim, torna-se um espaço democrático onde todos têm voz e onde a comunidade se reúne para celebrar e para resistir.

A performance, conforme Judith Butler (1990) nos ensina, é uma forma de resistência e uma reiteração de identidades. No Reisado baiano, o corpo negro assume essa resistência, celebrando a sua herança e reivindicando seu espaço na sociedade. Cada passo de dança, cada nota musical, cada traje são declarações de resiliência e orgulho, são capítulos de uma narrativa que resiste ao esquecimento e à homogeneização.

Segundo o antropólogo Roberto da Mata (1986) na sua obra *O que faz o Brasil, Brasil?* A festa é um elemento construtor das identidades de um povo. É ainda a fuga da realidade dura e rotineira para um espaço outro de alegria e catarse. O termo festa, pertencente ao vocabulário português e latino - *festus* foi registrado no século XVII pelo padre jesuíta, Raphael Bluteau, para referir-se à *celebração e ao culto de falsos deuses*, referindo-se principalmente a festividades dos judeus. Destarte ao termo festa atribui-se diversos significado ao longo da história da Igreja Católica mudando de acordo com o período ou contexto histórico-religioso.

Para Del Priore (1994) as festas no Brasil colonial exerceram um papel de intercâmbio entre as culturas, e para além disto a festa promoveu a inserção dos mais diferentes povos : indígenas, negros, espanhóis, ciganos, franceses e outros tantos, pois durante estes festejos religiosos no Brasil colônia, a qualquer um destes era permitido participa das comemorações; Tal liberdade fez com que se torna-se inviável a separação na festa do que era pertencente ao momento sagrado do que era profano, carnal.

A antropóloga e doutora Rita de Cassia (1998), em sua tese de doutoramento “Festa a brasileira” afirma que tal realidade era facilmente percebida de forma latente durante os festejos natalícios como os bailes e autos de Natal. Sendo assim, os festejos do Reisado, que também pertence a tais festejos, já que, narra o mito de nascimento do Menino Jesus, se configura como uma destas manifestações festivas, sacra-profanas. Tal entendimento encontra eco nas afirmações de Roberto da Mata (1986)

Todas as sociedades alternam suas vidas entre rotinas e ritos, trabalho e festa, corpo e alma, coisas dos homens e assunto dos deuses, períodos ordinários – onde a vida transcorre sem problemas – e as festas, os rituais, as comemorações, os milagres e as ocasiões extraordinárias, onde tudo pode ser iluminado e visto por novo prisma, posição, perspectiva, ângulo...(MATA, 1986, p.44).

No entanto, houve um período na história do Reisado em que a Igreja Católica questiona a sacralidade desta manifestação, e deixa de considerá-la como uma manifestação pertencente à Igreja e aos seus ritos religiosos.

Assim o reisado perde o valor de ser considerado como uma manifestação religiosa, para tão somente uma manifestação cultural; tal decisão foi tomada devido ao incômodo causado pela adesão do reisado pelas camadas mais populares do cataclismo, Igreja, tomou proporções que ultrapassavam os limites da catequização. Somente na década de 1980, enquanto visitava a América Central, que o então, Papa João Paulo II, em nome da Igreja Católica, reabriu as portas para os reisados, reaproximando-se dos “foliões” e dando novo incentivo a essa tradição. (TORRES e AVALCANTE, 2012).

Entendendo a festa é um espaço de construção de valores, de normas coletivas resultante da interação e das relações sociais e culturais dos indivíduos. O professor e pesquisador Luís Vitor (2014), na obra *Festa e Corpo*, discorre sobre o entendimento da festa como um constructo histórico, identitário, “são fluxos de acontecimentos únicos que tem em suas tramas, seus efeitos, seus segredos e suas aberturas” (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 26).

Mas há algo a mais que se pode depreender do reisado enquanto festa, que é o seu caráter mobilizador de Memórias, o reisado do mestre Marcolino é um agente que mobiliza a Memória coletiva dos morrenses, conforme discorre o pesquisador ao estabelecer que festa é também um lugar de memória que serve para dar continuidade aos ritos criados no passado, sendo reatualizado a cada momento; é lugar de troca e cooperação de pessoas simples que afirmam suas identidades singular e coletiva; é um lugar de resistência cultural que os produtores

culturais encontram para colocar as novas formas de entender a dinâmica cultural. (CASTRO JUNIOR, 2014). De acordo com o escritor Brandão (2010),

A Festa está carregada de relações e intercursos sociais, salientando o sentido da festa enquanto forma de convivência social: A festa, se tomada como expressão de convivência social, configura-se em um rico viés de análise das relações sociais, econômicas, das experiências de homens e mulheres construídas, historicamente. Com essa manifestação podemos apreender também costumes, valores, tradições, inventados e ressignificados cotidianamente que são transmitidos de geração para geração nos espaços de sociabilidade por ela proporcionados e, por conseguinte, de manutenção de costumes e construção de valores entre os moradores de determinada comunidade que se reúnem para celebrar a festa em louvor aos Santos Reis. (BRANDÃO, 2010, p. 47).

Formada por experiências históricas singulares e profundas, a festa popular é o resultado de dinâmicas e interações de indivíduos, grupos e sociedades, revelando faces de uma cidade e de um país. O reisado, faz parte das manifestações natalinas, e seja no Brasil, no Nordeste e ainda em Morro do Chapéu, é uma maneira de transmitir para novas gerações práticas tradicionais e históricas, mobilizando passado e presente no instante da festa.

E nesta interação entre passado-presente-futuro, a festa pode ser compreendida como intervalo, pois interrompe a lógica do dia a dia, transmuta o cotidiano, inventando outras normas e novos sentidos. Simboliza assim, um momento de sociabilidade, em que é permitido uma interação e integração, entre os diferentes e muitas vezes antagônicos de uma sociedade.

Brandão (1981) na obra Sacerdotes da Viola, nó revela que apesar de presente em todas as festividades do catolicismo popular: afinal, rezar, dançar, conter, festar é o que se espera fazer em todas as festas de santo, e quando alguma delas perde os momentos de um desses atos perde uma de suas partes necessárias. Revelando que havia uma tentativa por parte da igreja de excluir dos festejos o lado profano da folia:

A Igreja de alguns sacerdotes puristas separa na festa, que tolera, dois lados opostos, para controlar todo o sagrado e expulsar de seu espaço todo o profano, sem perder de vista apenas os seus interesses financeiros. Mas a religião popular incorpora em momentos seqüentes, ou dentro dos gestos de um mesmo momento de dança. (BRANDÃO, 1981. p.109).

Kodama (2009) compreende a festa como um objeto da constituição das relações humanas e formação social da brasilidade e da regionalidade, logo, a importância de tais manifestações da cultura popular no processo de formação da identidade. (KODAMA, 2009.p.18)

Destarte disto, tais argumentos corroboram com a escolha do reisado do mestre Antônio Marcolino, localizado na cidade de Morro do Chapéu, na Chapada Diamantina, por estarmos diante de uma festa popular que reverbera a tradição da cultura subalterna. Para o pesquisador Kodama (2009) há uma necessidade de preservação das festas e manifestações populares como uma maneira de manter as diferentes identidades do país e das diversas regiões que o compõem no intento de valorizar os povos originais que constituem a América Latina, sempre em desvantagem ou marginalizados, em relação a culturas outras hegemônicas, oriundas do neoliberalismo. (KODAMA, 2009, p.19).

Nesta segunda dimensão, a festa é também um lugar de memória que serve para dar continuidade aos ritos criados no passado, sendo reatualizado a cada momento; é lugar de troca e cooperação de pessoas simples que afirmam suas identidades singular e coletiva; é um lugar de resistência cultural que os produtores culturais encontram para colocar as novas formas de entender a dinâmica cultural. Segundo o professor Luís Vitor Castro Júnior *“O corpo é uma festa!”*

A festa é formada por experiências históricas; é fruto das movimentações e interconexões dos corpos-culturais que constituem uma das formas mais reveladoras do modo de ser de um grupo, de uma cidade e de um país e nesse espaço ‘intervalar’, que ficam suspensas algumas normas sociais, e outras são invertidas. (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 26-27).

A festa passou a ser elemento de pesquisa e da ciência no século XX, onde muitos historiadores enxergaram nas manifestações festivas um fenômeno que possibilita compreender uma coletividade, suas atitudes, seus hábitos, enfim, seus modos de vida. Nesta perspectiva, é pertinente o diálogo com Guarinello

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. (GUARINELLO, 2001, p. 972).

Contudo, a festa do reisado, e aqui inclui-se o reisado do mestre violeiro morrense, também se caracteriza como uma manifestação cultural, para além da sua natureza de religiosidade, pois o reisado estabelece relações de pertencimento, ergue identidades, reafirma símbolos, revisita histórias do passado e delimita a nossa memória. Assim, as festas na Bahia, e em especial o Reisado, são mais do que meras datas no calendário. Elas são manifestações de

uma comunidade que se recusa a ser silenciada, que encontra na festa um meio de expressar sua fé, de celebrar sua identidade e de proclamar sua presença indelével. São nesses espaços de celebração que o povo negro da Bahia se vê e é visto, onde sua voz é ouvida e sua história continua sendo escrita, grafadas em seus negros corpos.

SAMBA

Ao analisar o reisado, instrumento de resistência, símbolo das minorias subalternizadas, bem como os elementos que compõem o reisado, o samba é um elemento fundamental nesta manifestação, para além da musicalidade e do ritmo, através do samba se constrói a narrativa que o reisado conta, a visita dos reis magos ao menino “Deus”. Presente nas cantigas durante o percurso pelas ruas das cidades, ele dá o tom, o ritmo e marca a performance dos reseiros anunciando e preparando-os para cada cena, cada momento do percurso. Exdell (2017) em sua dissertação sobre o samba no interior baiano, explana a relação e a presença do samba nas cidades da Chapada Diamantina, dentre elas, em Morro do Chapéu, local de origem do reisado fenômeno desta dissertação. Segundo o autor, o samba está intimamente associado às comunidades rurais, às famílias e às comunidades como um elemento que permite a manutenção da narrativa do reisado, sendo a função do samba para além das cantigas, um elemento social, tendo como principal agente, o homem negro invisibilizados que se apropria das suas memórias e narrativas através da oralidade, conferindo ao samba, um tom sagrado.

Devemos entender que estamos diante de uma manifestação oriunda de um corpo negro e de toda narrativa e simbologias que abarcam essa cultura, e, a partir deste entendimento, do corpo-resistência, adentrar no universo do reisado (Fé, Festa, Samba e Memória). O professor e pesquisador Muniz Sodré, (1998) na obra “Samba, o dono do corpo” nos fala sobre a presença do samba no interior da nossa sociedade brasileira, ele considera-o como um fenômeno cultural originário das classes sociais subterrâneas. Esse mesmo autor nos chama ainda a atenção para as limitações das ciências (e seus diversos campos de análises) que por mais que sejam fundamentados ou carregados pelas melhores intenções, ainda assim, não dá conta de revelar o fenômeno na sua real grandeza, logo segundo Sodré, a análise deste estará sempre comprometida pela explicação da ciência.

Assim, consoante com a voz de Sodré (1998) entendemos que o sambar se configura então como resistência. Ao sambar o homem negro reassume o pertencimento do seu corpo, um

corpo que, por mais que o homem branco com a sua lógica capitalista, razão-lucro-posse, os via como uma máquina produtiva, e sustentados sobre esta lógica apossava-se do corpo do outro (o negro) apagando com isso a própria identidade desses corpo-homens negros.

O corpo exigido pela síncopa do samba é aquele mesmo que a escravatura procurava violentar e reprimir culturalmente na História brasileira: o corpo do Negro. Sua integração com a música, através da dança, já era evidente nos Quilombos dos Palmares:” Dispostas previamente as sentinelas, prologam as suas danças até ao meio da noite com tanto estrépito batem no solo, que de longe podem ser ouvidos”. (Sodré, Samba, o dono do corpo.p.11-12).

No reisado, a simbologia do samba é presente, na roda de samba que se abre no interior das salas das casas visitadas, no meio das ruas, nos terreiros das zonas rurais, ou ainda na frente da Igreja Matriz das pequenas cidades do interior. Ao estudar o samba no interior da Chapada Diamantina o pesquisador Charles Exdell (2017) assegura que

As rodas de samba do Piemonte são protagonizadas por gente de toda cor – negros, morenos, mulatos, mamelucos, caboclos e galegos – entre vários termos utilizados para descrever a aparência racial no interior da Bahia. Comunidades “negras”, conhecidas como remanescentes de quilombos e fundadas por escravos fugidos e outros “indesejados” em tempos coloniais, são espalhadas pelo sertão e preservam uma distinta territorialidade e identidade afro-brasileira. (EXDELL,2017, p.17).

Por meio do samba, os reseiros desobedeciam a essa ordem eurocêntrica de vê-los como uma máquina produtiva. Estes homens que sempre estiveram nos trabalhos braçais, nas lavouras, forçando e usando esses corpos como máquinas, viram no bailar dos corpos, nos ritos, nas performances em meio aos indivíduos que integram o reisado, aos populares que os seguiam, aos donos das casas, anfitriões desta festa, etc., um lugar de ressignificações, uniam-se em uma grande roda, em uma catarse coletiva das dores e desigualdades da nossa sociedade, dançando, com seus corpos em êxtase ao ritmo dos tambores, palmas e cantos, unindo fé e festa, narrando com os seus corpos a cosmovisão da cultura negra, como afirma Sodré (1998) “havia o samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência.” (SODRÉ,1998. P.9).

2.3 REISADO DO MESTRE VIOLEIRO ANTÔNIO MARCOLINO

A tradição religiosa-familiar do reisado de Marcolino, é marcada pela presença da História Oral¹⁶, prática cultural que passa de pai para filho, de geração para geração, a partir da oralidade, como parte dos costumes da cultura negra. Assim se deu na família do mestre violeiro Marcolino, que recebeu a tradição do reisado (as experiências e costumes) do seu pai, conhecido pela alcunha de “Alfredo boca torta” violeiro e reseiros, que recebeu dos seus bisavôs, todos homens negros, quilombolas da comunidade Barra II, conhecida por Barra dos Negros, território a 12 (doze) km do centro de Morro do Chapéu. tradição essa passada de geração a geração, do bisavô, para o pai e para Marcolino, esta tradição do núcleo familiar, preservada e mantida viva pela oralitura, uma, foi incorporada à cultura de Morro do Chapéu-BA.

Embora originariamente o reisado venha do catolicismo rural, o reisado de Marcolino ocupa e desenvolve sua performance também na sede da cidade, na igreja católica, localizada no ponto central do município, nas principais ruas e casas do município. Entender o simbolismo que há em ocupar este espaço mesmo que momentaneamente, mesmo sob o signo do catolicismo, é primordial para entender o desenho-narrativa destes corpos negros que descortinamos aqui.

O reisado, performance de corpos negros, constroem a narrativa da identidade da cidade, é uma desobediência, um ato de resistência e reivindicação pelo seu lugar na cidade, na memória não institucionalizada, a memória dos marginalizados da história da cidade, que momentaneamente, entende a narrativa destes corpos negros como a sua narrativa. Durante os festejos de reis, a família, o samba, os homens simples e os seus corpos negros ocupam o lugar central da cidade frequentado, historicamente, pela maioria religiosa do Morro do Chapéu – pobres, ricos, brancos e negros – a presença dos reseiros na igreja a cada ano reafirma uma aliança com as práticas católicas tradicionais da comunidade e, ao mesmo tempo, desenha a ocupação, mesmo que temporária dos espaços hegemonicamente negados a estes. Era na igreja, lugar de poder, que seu Marcolino reafirmava a certeza da sua missão com o reisado e o reconhecimento do seu papel na identidade e memória.

O recorte temporal desta dissertação abarca o período do reisado em que esteve sob o comando do Mestre Marcolino, fazendo um recorte temporal entre os anos de 2000 a 2017. Neste marco temporal, pretende-se entender como o Mestre violeiro se dedicou para manter

¹⁶ A expressão "história oral" é uma abreviação comum para aquilo que descreveríamos, de maneira mais articulada, como o uso de fontes orais na História ou nas Ciências Sociais (Bosio, 1975).

viva, mais do que a memória da família, a memória destes homens excluídos, o seu legado para a cidade de Morro do Chapéu.

Segundo o pesquisador, em sua dissertação sobre o samba do reisado de Marcolino, há extensa entrevistas e áudios sobre a rotina do reisado no ano de 2017, período delimitado para esta pesquisa. No trecho abaixo é possível perceber a relação simbólica-religiosa do reisado na família do violeiro.

As outras crianças presentes pegam nos pandeiros e cantam. A comunidade bate palmas canta e dança juntos— inclusive o próprio padre – que se empolga e bate no pandeiro. A rigidez e o simbolismo da missa se dissolvem na união e energia cinética do samba. Carlos Henrique finalmente se livra dos braços dos pais, se equilibra no chão e... samba! Ele corre a roda, balançando o corpo para não cair, e todos assistem e aplaudem. E assim seu batizado se completa. (EXCEL,2017, p.126).

O reisado é a herança dos Marcolinos, passado como legado para cada indivíduo que compõe esse grande grupo religioso-familiar dos mais velhos até às crianças que recebem o batismo na roda de samba, no fragmento descritivo acima temos um ritual de iniciação do neto do violeiro, Carlos Henrique, embora a criança não saiba a tamanha significação que havia no seu sambar desequilibrado, ato intuitivo, que ele intuitivamente repetia, o reisado para o Marcolino é missão e o batismo é sagrado.

Michael Pollak (1989), sociólogo que trata da memória e identidades, em sua obra *Memória, esquecimento e silêncio*, defende que a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade. É importante compreender que esta memória subalternizada, não oficial, traz consigo a narrativa que a cada geração dos “mestres Marcolinos” foi erguida, desenhada nesta família de violeiros, homens negros, que mesmo atualmente possuindo o reconhecimento institucional pela prefeitura de patrimônio da cidade de Morro do Chapéu, não transcendeu às dificuldades de ser uma família negra no interior do Brasil.

A história dos *Marcolinos*, assim como dos negros brasileiros, é atravessada por fome, ausências e negativas de pertencimentos e necessidades básicas a qualquer indivíduo, como moradia, alimentação, educação e saúde, sendo esta precariedade resultante em “acelerar” o encantamento do velho mestre violeiro, Marcolino, que morreu no ano de 2017, devido à falta de acesso a um tratamento adequado para restabelecer a sua saúde.

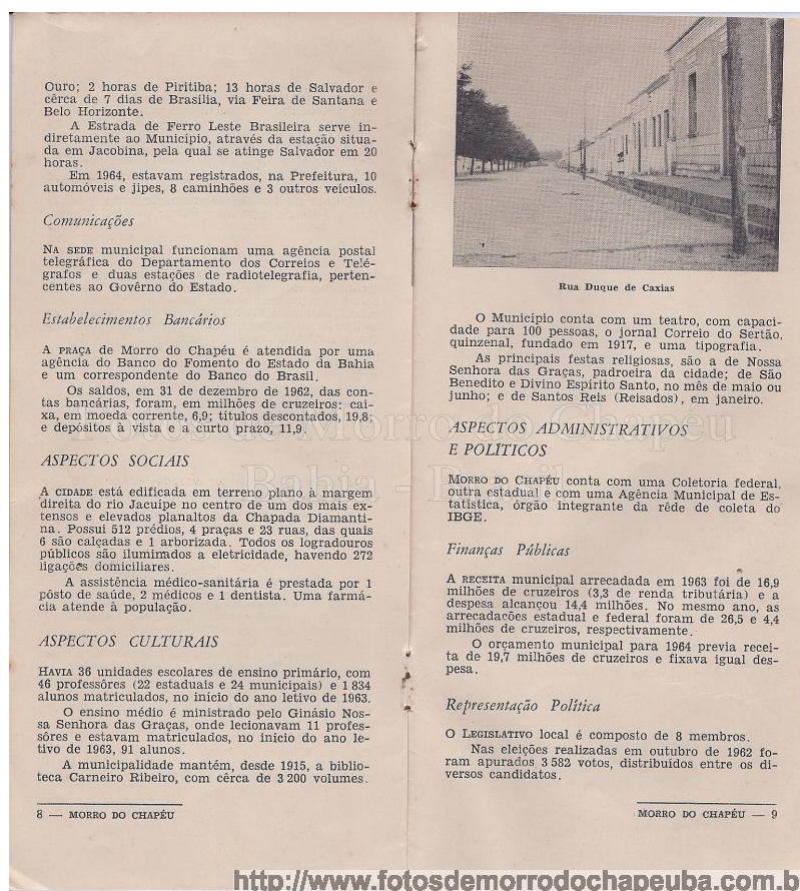
2.3.1 O Reisar dos Marcolinos

Ô de casa e ô de fora
Ô de casa e ô de fora
Santo Reis aqui chegou
Santo Reis aqui chegou
Tô aqui na sua porta
Tô aqui na sua porta
Mas não é por seu dinheiro
Mas não é por seu dinheiro
Samo cantador de reis
Samo cantador de reis
Do dia seis de janeiro
(Barra II)

O bisavô de Antônio Marcolino, Ludegário de Jesus, foi o responsável por iniciar a tradição familiar do reisado dos “Marcolinos” em Morro do Chapéu ainda no século XIX. Segundo depoimento de Seu Marcolino em entrevista realizada pelo pesquisador EXCEDEL (2017), a tradição dos seus antepassados raseiros está intimamente ligada à própria história da cidade de do Morro do Chapéu. O mestre violeiro afirma que, “pela boca dos mais velho”, ouviu que o grupo surgiu na comunidade rural Barra II, conhecida informalmente por Barra dos Negros – sendo ela uma das 12 comunidades rurais autorreferenciada como remanescentes de quilombos¹⁷ que rodeiam a cidade. No documento abaixo, desenvolvido e publicado pelo órgão federal IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), apresenta uma descrição do município de Morro do Chapéu no ano de (1975) onde se é possível detectar e logo afirmar que a tradição do reisado como um aspecto cultural está presente na cidade desde o seu surgimento.

¹⁷ Nos documentos de Morro do Chapéu oitocentista, aparecem poucos africanos, sendo apenas um ou outro registrados por suas nações: Angola, Hauçá, Jeje e Nagô. Essas nações não correspondem às identidades étnicas dos africanos, mas “aos portos, reinos, ilhas ou à área geográfica em que haviam sido embarcados” (PARÉS, 2018, p. 79).

Figura 06: Apresenta-se uma página do livreto do IGBE, sobre Morro do Chapéu-BA, em 1975.



Fonte: site fotos de morro do Chapéu- BA.

De acordo com a tese do professor e historiador Jackson André da Silva Ferreira, intitulada “Gurgalha: um coronel e seus dependentes no sertão baiano (Morro do Chapéu, século XIX)” na qual discorre sobre os quilombos em Morro do Chapéus, a comunidade Barra II se formou a partir de famílias de escravos fugidos; para tanto como fontes desta pesquisa, além dos livros da Igreja Matriz Nossa Senhora da Graça¹⁸, no qual é possível encontrar registros de batismo, de casamento e óbito, o pesquisador se valeu das fontes da tradição oral, através de entrevista de familiares e demais sujeitos que fizeram parte desta comunidade. Destarte, a partir dos relatos associa-se a Laudelino e seu irmão Líbio, dois irmãos escravos que, juntos com alguns livres e recém-libertos, fundaram o quilombo Barra II. (PEREIRA, 2021).

¹⁸ IMNSGMC – Igreja Matriz de N. S da Graça do Morro do Chapéu 1. Livros de Batismo: 1839/1860; 1865/1868; 1868/1871; 1871/1875; 2. Livros de casamento: 1839/1867; 1867/1874; 1874/1877; 1877/1882; 3. Livro de óbito: Morro do Chapéu: 1838/1880.

Este mesmo autor analisou um manuscrito intitulado *Descrições do Município da Vila do Morro do Chapéu*, no qual, segundo o pesquisador consta no texto que no ano de 1886, havia na cidade “8.000 almas sendo 1.000 e tantos escravos” (2014, p. 65), vale ressaltar que Ferreira afirma que estes dados podem estar suprimindo a real quantidade. Outra questão importante é em relação ao período pós-abolição, na cidade de Morro do Chapéu, ela se dá de forma tímida velada, e ainda hoje na cidade os descendentes dos ex-escravizados evitam ou temem falar sobre este período, pois assim aprenderam com os seus antepassados.

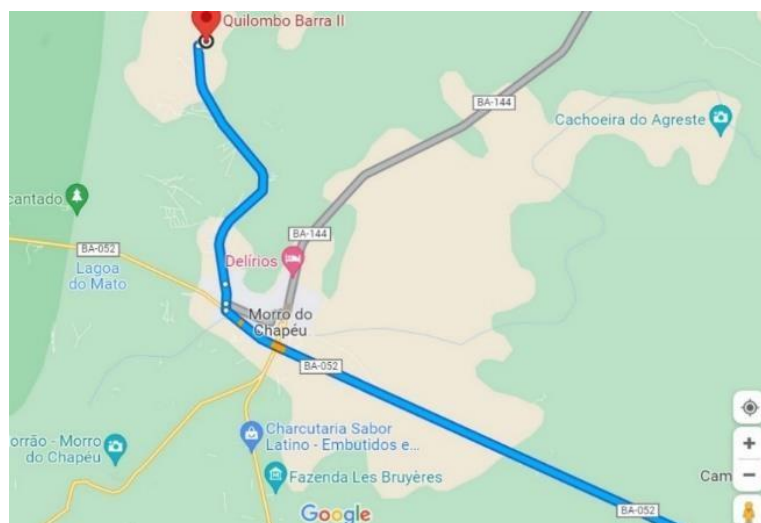
Figura 07: Descrições do Município da Vila do Morro do Chapéu, século XIX.



Fonte: Site fotos de Morro do chapéu-BA.

Segundo Pereira (2022), “O apadrinhamento de negros pobres por famílias brancas no pós-abolição, embora não aprofundado nesse trabalho, foi um dos mecanismos de garantir sua mão-de-obra como prestadora de serviços, massa de apoio político, fixadora de fronteiras ou como forma de amenizar disputas territoriais.” (PEREIRA, 2022) O estudo que ela desenvolveu para a tese de doutorado pela Universidade Federal Fluminense, é a pesquisa mais recente sobre o período pós-abolicionista e a comunidade da Barra II de Morro do Chapéu-BA.

Figura 08: Mapa do quilombo Barra II na cidade de Morro do Chapéu-BA



Fonte: googlemap

Do quilombo da “Barra dos negôs” vieram os antepassados do mestre Marcolino, que acompanhando o desenvolvimento da cidade migraram da zona rural para a sede de Morro do Chapéu. Do período em que esteve à frente do reisado de seu Ludegário, aos dias de hoje - 2023, sob a liderança de Mateus Marcolino, o filho primogênito de Antônio Marcolino, estende-se por seis gerações de reseiros; foram estes homens, com suas crenças, seus corpos negros, mestres da violeiros, devotos de Santo Reis que ergueram com suas violas e ladainhas, a identidade de Morro do Chapéu. Do velho mestre Ludegário, a liderança do grupo foi passada ao avô, Marcolino “Bie” de Jesus, ao tio Vital de Jesus, e depois ao pai de Alfredo “Bocatorta” Marcolino de Jesus.

Embora a Barra II seja reconhecida como uma comunidade Quilombola, há a necessidade de chamar a atenção para a questão do entendimento de quilombo que compartilhamos e já mencionamos anteriormente em outro momento neste texto. É muito perigoso e comum que o nosso olhar para as comunidades autodeclaradas ou já reconhecidas como originadas de uma comunidade de indivíduos que foram escravizados, seja de buscar elementos e características quase que unicamente folclóricas, ou exótica do entendimento de cultura, e não se trata desta questão, concordamos com a tese de José Maurício Arruti (2006), antropólogo que defende uma outra perspectiva, pela demarcação da terra, pela vida cotidiana, pela presença diluída nas crenças, rezas, mitos, sem que para isso seja necessária uma grande performance, é o olhar do branco colonizado que necessita dessa demarcação e do espetáculo, não o homem negro.

Pereira (2022) na sua tese de doutorado *Coração de negro: História oral e etnografia afro-sertaneja na Chapada Diamantina. Morro do Chapéu, Bahia* corrobora com o antropólogo

Arruti, e delimita as comunidades quilombola de Morro do Chapéu, em especial na Barra II, origem dos antepassados e do reisado dos Marcolinos – “Há muito mais luta pela conquista de liberdade e autonomia produtiva nos quilombos do que marcas da escravidão. Os negros dos sertões oitocentistas, escravizados ou livres, trazem consigo uma África distante, não completamente esquecida. É a África simbólica que sussurra através de seus descendentes” (PEREIRA, 2022, p.25).

2.3.2 a imagem como suporte da memória no reisado do mestre marcolino

2.3.2.1 A imagem como narrativas visuais

Olhar, olhar, até já não sermos nós mesmos.

Álvaro Mutis, *Le dernier visage*

Vivemos envoltos nas imagens desde os mais longínquos tempos até os dias atuais na então chamada *civilização visual*. A imagem está intimamente ligada à construção ideológico-cultural do homem, bem como no desenvolvimento das mais diversas sociedades¹⁹. Somos resultantes da produção, do consumo e simbologia que as imagens materializam na sua própria história signica e na história do homem. Podemos considerar que há entre o homem e a imagem uma relação simbiótica, na qual as imagens produzem a nossa sociedade e a nossa sociedade produz/consume as imagens. (JOLY, 1994). Desde o surgimento da humanidade na era pré-história que os nossos ancestrais captaram as possibilidades da imagem quer como narrativa, quer como registro, ou ainda como ferramenta de preservação e por que não, da imortalidade.

É com a imagem que se dá nosso primeiro contato com o mundo, com o letramento, com a percepção de si e do outro, o homem enquanto indivíduo reconhece a sua própria imagem pela comparação com o outro e deste conflito constrói e reafirma a sua autoimagem, sua identidade. Aristóteles defendia a tese de que “o pensamento é impossível sem imagens” (Sobre a memória 450a) e assim por séculos fomos buscando entender as infinitas possibilidades que

¹⁹ A afirmação de que vivemos em uma "civilização visual" reflete a relevância e o impacto significativo das imagens visuais em nossa sociedade contemporânea. Nesta era digital e hiperconectada, a informação é amplamente compartilhada e consumida através de meios visuais, como fotografias, vídeos e gráficos.

há na imagem. Atualmente, seria impossível conceber a nossa sociedade sem a presença latente da imagem, somos dominados por elementos visuais atraentes, que a todo momento buscam chamar a atenção para algo, transmitir mensagens de forma rápida e eficaz através dos mais diversos suportes. A linguagem visual tem se mostrado uma ferramenta poderosa para persuadir, informar e entreter, com o objetivo de influenciar comportamentos, moldar opiniões e construir identidades.

Ulpiano de Menezes (2003) em seus estudos sobre as fontes visuais, afirma que a imagem é um sintoma das sociedades. Essa predominância do visual em nossa sociedade não apenas transformou a forma como nos comunicamos, mas também impactou a própria construção do conhecimento. Vivemos em um contexto em que as informações são frequentemente transmitidas de forma visual, por meio de infográficos, gráficos e mapas, que facilitam a compreensão e a assimilação de conceitos complexos. Conferindo à imagem um status de coisa quase sagrada, (como no início da humanidade), quando estamos diante de uma imagem estaríamos diante da própria verdade absoluta.²⁰

Para Teresa Torres (2010) as imagens possuem um poder persuasivo, e um lugar onnipresente nas sociedades e vai além disso, o universo visual faz parte do repertório da construção da identidade e da realidade. A imagem comunica, ensina, persuade, liberta e desnaturaliza ideias, derruba conceitos e modifica visões de mundo, ou seja, a imagem é uma ferramenta de desnaturalização, de autonomia. Pierce (1985) elaborou o conceito de imagem como representação, com a Semiótica, ciência que estuda “a teoria geral das representações” assim é possível entender a imagem como um signo, entendendo o “Signo como uma coisa que representa outra coisa”, ou seja, as imagens-signos evocam ideias, sentidos, memórias é análoga a algo já existente, comum ou referenciado. Martine Joly (1994), em sua obra *Introdução à análise da imagem*, destaca que o termo imagem não se refere a algo unicamente visualizável, ou seja, emoções, sentimentos, sonhos, memória, também são signos-imagens que contam e compõem a nossa própria história e identidade.

Na antiguidade clássica o filósofo grego Platão, ao discorrer sobre as imagens afirmou que elas são o resultado da percepção (aisthesis), mas tinha sua origem na própria alma”. Joly, na obra supracitada, remete a Prometeu para reforçar a sua tese sobre a imagem

²⁰ No entanto, é importante ressaltar que essa ênfase no visual também traz desafios e questionamentos. A facilidade com que as imagens podem ser manipuladas e distorcidas levanta questões sobre a veracidade e a confiabilidade da informação visual.

parece que a imagem pode ser tudo e também o seu contrário-visual e imaterial, fabricada e natural, real e virtual, móvel e imóvel, sagrada e profana, antiga e contemporânea, ligada à vida e à morte, analógica, comparativa, convencional, expressiva, construtora e desconstrutora, benéfica e ameaçadora... (JOLY, 1996 p.29).

Assim a imagem tem, pois, a capacidade de estar em tudo, de ser interior (memória, evocações etc.), e exterior (roupas, desenhos, fotografias, gestos, corpos, etc.) de viver um dualismo constante, de ser o tudo e o nada, de ser o concreto e o abstrato, de falar com a presença e com a ausência, de ser registro de um passado que se projeta nas memórias individuais e coletivas para um futuro, é imortal ao se perpetuar na memória.

Entendendo a história da imagem, apropriando-se dela, o homem toma consciência de si próprio, da evolução e desenvolvimento de sua vida em sociedade, pois, como nos afirma Menezes (2003), a imagem é pedagógica, traz em si sentido, provocações, mobiliza memórias, sensações, experiências quer individuais, quer coletivas.

É a partir da relação, interação entre o observador e observado que se produz o sentido do que se quer contar para o mundo. Destarte, serão as imagens as fontes, os documentos que utilizo para apresentar a narrativa do reisado do mestre Antônio Marcolino, na cidade de Morro do Chapéu.

2.3.2.2 A imagem um suporte da memória

Após uma breve contextualização da relação entre a imagem e a humanidade e coma nossa civilização visual, se conecta coma imagem. Busco entender a imagem enquanto suporte da memória e de como esta desempenha um papel significativo no contexto do Reisado do Mestre Marcolino.

Durante esta dissertação sobre o Reisado do Mestre Marcolino, as imagens funcionaram como um poderoso meio de preservação e transmissão da memória coletiva. Através das fotografias levantadas de acervos públicos, pessoais e da família do mestre violeiro, a cultura e as tradições do grupo de reseiros são registradas e perpetuadas, possibilitando que as futuras gerações tenham acesso a esse patrimônio cultural.

Segundo Barroso (2008) o reisado deve ser considerado um patrimônio cultural

Por sua longevidade, pela riqueza e a diversidade como se apresenta em vários continentes, o Reisado pode ser considerado patrimônio da humanidade, manifestação valiosa de sua cultura imaterial [...] o Reisado tomou feições as mais variadas, incorporando elementos das mais diferentes procedências e ganhando características locais, para refletir um universo multicultural em suas manifestações. No Brasil, ele se manifesta com diferentes nomes (Terno de Reis, Tiração de Reis, Folia de Reis, Reisado

– de Congo, de Caretas ou de Couro, de Caboclos, de Bailes -, Boi, Rancho de Reis, Guerreiros, etc.), por todo o seu território (BARROSO, 2008, p. 1).

As imagens funcionam como uma espécie de arquivo visual, capturando momentos importantes, personagens, indumentárias, cenários e rituais presentes no Reisado. Essas representações visuais são fundamentais para a preservação da história e para a manutenção da identidade cultural desse grupo. Percebe-se na imagem abaixo, os elementos da cultura popular, as fitas, os chapéus, os instrumentos, marca do samba de roda como a viola, o pandeiro instrumento percussivo, e a organização dos corpos dos integrantes, dispostos diante de uma residência que os aguarda para a confraternização do dia de Santo Reis. São homens e mulheres e seus corpos negros, levando samba, alegria e fé pelas ruas da cidade de Morro do Chapéu.

Figura 09: reisado diante de uma residência esperando para entrar. Observa-se a riqueza das indumentárias do grupo. Morro do Chapéu – 2020.



Fonte: acervo público Prefeitura Municipal de Morro do Chapéu-BA 2020.

Ao analisarmos a figura acima, constatamos que ela é uma poderosa representação visual da memória coletiva, ancorada nos corpos negros e na prática cultural do Reisado, de Marcolino (liderados por Matteus Marcolino). Ela capta um momento de união e celebração, onde os participantes, trajados com vestes coloridas e chapéus adornados, estão engajados em uma manifestação cultural que é tanto uma performance quanto um ato de comunhão.

Através das cores dos trajes, da postura dos indivíduos e dos instrumentos musicais, a fotografia transmite uma sensação de movimento e som que é intrínseca ao Reisado. O azul profundo das roupas ressoa com o céu e o oceano, símbolos de amplitude, profundidade e

misticismo, enquanto as fitas coloridas e os chapéus podem ser vistos como emblemas de festividade e identidade cultural.

Os corpos negros presentes são os principais veículos dessa memória coletiva. Eles não estão apenas participando da festa; eles são a própria festa. Seus movimentos e cantos são a linguagem através da qual a tradição respira e se renova. Cada figura, cada gesto, reflete a história viva de resistência e celebração da comunidade afro-brasileira, transmitindo não apenas a alegria do presente, mas também a resiliência do passado.

O Reisado, enquanto prática cultural, é um momento em que a comunidade negra pode reivindicar seu espaço e contar sua história em seus próprios termos. A imagem é um testemunho dessa narrativa, onde a memória coletiva é ancorada nos corpos negros que dançam, cantam e tocam. Eles são os guardiões da memória, e cada Reisado é uma oportunidade para reafirmar sua identidade e passar adiante o legado de seus ancestrais.

Segundo Mauad (2008, p. 29) “a fotografia comunica por meio de mensagens não verbais, cujo signo constitutivo é a imagem”. Diante disso, as imagens servem como recurso *mnemônico*, auxiliando na reconstituição das narrativas e no resgate das práticas e conhecimentos associados ao Reisado. Elas são capazes de evocar memórias, despertar emoções e fornecer referências visuais que facilitam a transmissão e a compreensão dos elementos simbólicos presentes nessa manifestação cultural do interior baiano.

A utilização da imagem como suporte da memória também possibilita a documentação e difusão do Reisado do Mestre Marcolino para um público mais amplo, alcançando pessoas que estão distantes geograficamente, que não têm acesso direto a essa manifestação cultural e ainda àquelas que desconheçam o reisado do Mestre Antônio Marcolino, não há fronteiras para os caminhos e possibilidades da imagem. Dessa forma, as imagens se tornam agentes de divulgação e valorização do Reisado, contribuindo para sua perpetuação e reconhecimento, resolvendo um dos anseios que motivou a me debruçar sobre o fenômeno do reisado de Morro do Chapéu.

No entanto, é importante ressaltar que conduzi o entendimento da imagem a partir de um conceito polissêmico (SANTAELLA, 2012) e, que neste contexto, será considerada uma representação visual (e ainda assim diversa) produzida pelo homem. As imagens (enquanto registro fotográfico e representação) são apenas um dos elementos que compõem o complexo sistema de transmissão da memória no Reisado do Mestre Marcolino. A oralidade, a música, a dança e outros aspectos sensoriais também desempenham papéis fundamentais nesse processo.

A imagem, nesse contexto, configurasse para além da materialidade produzida através da fotografia. A lembrança, os símbolos, a performance, e os demais elementos imagéticos complementam e enriquecem a narrativa, proporcionando uma dimensão visual que dialoga com os demais elementos presentes nessa manifestação cultural, religiosa e simbólica. Segundo Kossoy (2001)

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: a memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. (KOSSOY, 2001, p. 161).

Em suma, a imagem como suporte da memória no Reisado do Mestre Marcolino desempenha um papel relevante na preservação, transmissão e valorização dessa manifestação cultural. As imagens funcionam como um arquivo visual, auxiliam na reconstituição das narrativas, documentam e difundem o Reisado, contribuindo para a continuidade e apreciação desse rico patrimônio cultural.

Essa fotografia (figura 09), portanto, é mais do que um registro de um evento; é um documento histórico e cultural, um ponto de encontro entre gerações, e uma afirmação de que, apesar dos desafios, a cultura e a memória negra continuam a florescer e a se manifestar com orgulho e beleza.

2.3.2.3 As fotografias fontes visuais e memória

As fotografias são consideradas fontes visuais de grande importância, uma vez que emergem das complexas práticas sociais que narram a história dos indivíduos e carregam consigo profundas conexões com os padrões e comportamentos sociais de seu tempo. Semelhante à própria História, o ato de fotografar tem gradualmente assumido o papel de um instrumento essencial na preservação e, até mesmo, na imortalização da humanidade por meio da arte do registro visual.

Boris Kossoy (2013) fotógrafo e historiador considera as imagens fotográficas, como ponto de partida na busca de desvelar o passado. Para ele o entendimento real de uma fotografia só é possível entendendo o contexto daquela imagem e que é possível devido ao

Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos sociais, políticos, culturais, que circunscrevem no tempo e no espaço o ato da tomada do registro. Caso contrário essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória. (KOSSOY, 2013, p.45)

A fotografia assim é entendida como documento suporte de memória e a partir dessa fonte imagética a memória vai sendo construída na relação entre passado/presente/futuro. A imagem passa, então, a exercer em plenitude sua função enquanto monumento e documento (LE GOFF, 2003, p. 525-541).

Le Goff (1994) afirma que o que perdura não é o “conjunto daquilo que existiu no passado, mas aquilo escolhido para tal, seja pelas forças que se operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade.” ou seja o que perdura é resultante escolha de uma narrativa hegemônica e detentora do poder. A memória é, portanto, um processo/atividade auto-organizador/a, em que o homem não apenas organiza os vestígios mnemônicos, mas também procede a sua releitura. (LE GOFF, 2003, p. 420) . A fotografia é quem melhor representa esse papel pela sua utilização para estudos das memórias individuais e coletivas e pelos investimentos na sua documentação com a criação de bancos de dados. (COSTA, 2005, p.2) Como aponta Menezes,

Elas contam (as imagens) – já que não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas – com atributos físico-químicos intrínsecos. É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los atuar. (MENEZES, 2003, p.28).

A palavra iconografia se refere a “escrita da imagem”. Tem origem grega – eikon (imagem) e graphia (escrita), mas que pode ter mais de um sentido, dependendo de seu uso pode se referir ao desenho (interpretação e análise) ou ainda a uma publicação de várias imagens, coleção ou classificação de retratos.

Embora a fotografia e o desenho sejam considerados fontes visuais, um legado histórico, uma fonte de conhecimento sociocultural, eles não encerram em si a verdade absoluta as imagens possuem um poder persuasivo, e um lugar onnipresente nas sociedades além disso, o universo visual faz parte do repertório da construção da identidade e da realidade (HERNADEZ, 2002).

Consideremos a imagem como uma forma de evocar a memória nas narrativas e ainda, como diz Martine Joly (1994) parece que a imagem pode ser tudo e o seu contrário – visual e imaterial, fabricada e natural, real e virtual, móvel e imóvel, sagrada e profana, antiga e contemporânea, vinculada à vida e à morte, analógica, comparativa, convencional, expressiva, comunicativa, construtora e destrutiva, benéfica e ameaçadora. (JOLY, 1994)

Joly (2000, p. 27), defendia a tese de que “cultura é memória”, tal afirmação nos assegura de que a cultura é resistente ao esquecimento, uma vez que não se pode conceber memória sem imagem.

Destarte a memória pode ser coletiva, quando ao mesmo tempo conforma e insere o contexto familiar, social, nacional, está neles inserida. Um homem para evocar o seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros e a memória das quais ele faz parte direta, mas sim por associação, por ser membro daquela coletividade ou sociedade. Ele se reporta a referência que existem fora dele e que são fixados pela sociedade (HALBWACHS, 2004, p.53)

O mestre violeiro, Antônio Marcolino, é o protagonista desta narrativa visual, analisa-se a vivências do reisado, tomando como referência os anos em que esteve à frente o mestre Marcolino, até o ano de 2017, ano do seu “encantamento”. Partindo desta tradição religiosa e do núcleo familiar do mestre Marcolino que o reisado foi se erguendo como suporte da Memória coletiva dos morrenses.

Figura 10: Seu Marcolino e o Reisado, prostados solenemente diante da lapinha do menino Deus, em visita a uma residência em Morro do Chapéu-BA.



Fonte: Charles Excedell- 2017

A visita aos presépios, faz parte dos rituais do reisado esse momento de contemplação e sacralidade. Ali diante da lapinha do menino Deus, reseiros, crianças, velhos e moços, os donos da casa e os violeiros, se ajoelham diante do Salvador. É menino Deus quem nasceu. A imagem captura um momento íntimo e sagrado que parece ser uma celebração dentro de um espaço doméstico, transfigurando-o em um espaço sagrado. A cena está centrada em torno de uma representação de um presépio, que é tradicionalmente montado durante as festividades natalinas em muitas culturas cristãs, mas também pode ter conexões com outras celebrações religiosas locais, dependendo da tradição específica.

A iluminação suave e o enquadramento próximo trazem um senso de comunidade e devoção, Marcolino o que esta cena representa para o mundo cristão e mais ainda para ele. A presença de pessoas de várias gerações, desde crianças até idosos, reforça a importância da transmissão da fé e das tradições culturais e religiosas através das gerações. As expressões focadas e reverentes dos participantes sugerem que estão profundamente envolvidos na prática espiritual ou ritualística que estão realizando.

Os chapéus de palha e as fitas coloridas são elementos comuns em muitas festas populares brasileiras, incluindo o Reisado, e falam da incorporação da cultura afro-brasileira e indígena nas práticas religiosas populares. Esses elementos são indicativos de uma celebração que é profundamente enraizada na identidade cultural e na memória coletiva da comunidade. Os instrumentos musicais, como pandeiros, são usados para acompanhar canções e orações, servindo como um meio de unir os participantes em um único ritmo e propósito. A música, neste contexto, não é apenas uma forma de expressão artística, mas também uma prática devocional que fortalece o senso de comunidade e compartilha crenças comuns.

As plantas e elementos naturais que adornam o presépio podem representar a vida, o crescimento e a conexão com a terra, que são fundamentais para muitas tradições religiosas, incluindo aquelas praticadas na Bahia. Eles podem também estar lá para honrar os santos, a Virgem Maria ou figuras bíblicas representadas no presépio.

Cabe tanto nesta imagem, cabe o mundo inteiro dos Santos Reis, cabe uma tradição secular de Morro do Chapéu, e do Brasil. Ela é um poderoso lembrete de como os rituais e celebrações religiosas funcionam como suporte de memória e fé, servindo para unir indivíduos em uma experiência compartilhada que é ao mesmo tempo pessoal e coletiva. Ela é uma representação visual de como a fé é vivida e praticada em comunidade, e como essas práticas ajudam a preservar e perpetuar a memória cultural e as crenças de uma comunidade.

CAPÍTULO III: “DEUS VOS SALVE, CASA SANTA”. O REISADO DO MESTRE MARCOLINO COMO ELEMENTO CONSTRUTOR DA MEMÓRIA EM MORRO DO CHAPÉU-BA.

3.1 UMA BREVE TEORIZAÇÃO SOBRE MEMÓRIA

O conceito de Memória é crucial para o entendimento da hipótese apresentada nesta dissertação entre o reisado, fenômeno e tradição religiosa-cultural e a construção da memória. Diante disto, faz-se imperativo compreender que a memória é indissociável da noção de tempo: não há memória sem a consciência do fluir temporal. Em geral usamos o termo para remeter a um tempo já transcorrido, a lembranças e recordações de um passado encerrado. Considerada uma faculdade inerente ao ser humano, a memória traz em si a capacidade de evocar o tempo-espaço passado, criando uma lógica outra do tempo, recriando lembranças em uma relação íntima com o presente, em um jogo de rememorar e esquecer.

Apresenta-se sob diversas formas na experiência humana, a memória revela-se como elemento da fisiologia, da psicologia, da psicanálise, das emoções, da sociologia, entre outras formas. Mas então tudo que é vivido e experienciado vira memória? Seria humanamente impossível tal afirmação. Então como se dá esse processo de construção da memória? Segundo Halbwachs, a memória é resultante de uma eleição, valoriza-se imagens, registros e fatos em detrimento de outros. Tão processo é justificado por Halbwachs, de acordo com o autor, “só vira memória aquilo que o indivíduo se sinta afetivamente conectado à recordação (no caso da memória coletiva, identificado com o grupo em questão). Assim, o esquecimento é uma parte fundamental para a memória, é o seu lado oposto, que, no entanto, a completa.

As memórias representam a maneira como os indivíduos interpretam e relembram eventos, pessoas e lugares que fazem parte da história da cidade. Essas memórias podem ser transmitidas oralmente de geração em geração, ou podem ser registradas em diferentes formas de mídia, como fotografias, vídeos, textos e artefatos históricos.

Ao serem preservadas e compartilhadas, as memórias contribuem para a preservação do patrimônio cultural e histórico da cidade, possibilitando que as gerações futuras possam conhecer e entender o passado da cidade. Elas também podem ajudar a construir uma identidade coletiva para os habitantes da cidade, uma vez que as memórias são compartilhadas e discutidas em conjunto, criando uma conexão entre as pessoas e a cidade em que vivem.

As reflexões e indagações em busca de entender sobre a *Memória* acompanha a história da própria humanidade, para os gregos, na antiguidade clássica, a origem da memória era

mítica, personificada na figura de uma deusa, a Mnemosine. Na era moderna, o homem se viu diante da destruição das guerras e buscou maneiras de preservar a sua história/memória (antes considerados sinônimos) criando museus, monumentos, no desejo de manter a sua própria identidade. Estudiosos de diversas áreas (Sociólogos, antropólogos, etnólogos, historiadores etc.) debruçaram-se sobre ela sob diferentes pontos de referência e análises.

Henri Bergson (1896), apresenta seus estudos sobre a memória, sua relação com o psiquismo e a sociedade a partir de uma concepção da memória como conservação do passado; sob as formas da lembrança, em estado inconsciente. (BOSI, 1979, p.15) Em contrapartida, Halbwachs, discorda da percepção de Bergson que vê na Memória um caráter livre, espontâneo, quase onírico; para ele lembrar não se trata de reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado, segundo o sociólogo Halbwachs *“A memória não é sonho, é trabalho.”*

Atualmente, após as contribuições dos memorialistas do século XX, há na literatura uma multiplicidade de classificação para a memória: as memórias individuais, a memória histórica, social e coletiva, a memória ancestral, a memória corporal, entre outras. Destarte este capítulo pretende assumir um enquadramento teórico da Memória, buscando evidenciar a relação entre o reisado de Marcolino na construção da memória subterrânea em Morro do Chapéu.

Contudo iremos brevemente apresentar a categoria a partir dos pesquisadores da memória enquanto prática social. A Memória, segundo Pierre Nora (1993), é a vida, um fenômeno atual, um elo vivido no presente que se instala na lembrança, no sagrado; emerge de um grupo que ela une. Para Halbwachs (2006), há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza múltipla e desacelerada coletiva, plural e individualizada. (NORA, 1993, p.9).

Segundo Bosi, há na perspectiva de Halbwachs uma relação simbiótica entre a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. (BOSI, 1979-p.18). Pollak defende que Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memória individual. (Pollak, 1989-p.03).

A memória coletiva é questionada por muitos estudos por considerarem que ela resulta de uma disputa entre memórias, entre narrativas. Em geral é aceita como a memória oficial, ou nacional, fruto de um enquadramento. A partir desse prisma, Pollak (1989) define a “memória enquadrada” uma memória que exclui os diversos, (como os ciganos, os vagabundos, as prostitutas,) negando a estes grupos a voz. Tal enquadramento cai no erro de contar apenas um

lado da história, silenciando as narrativas outras, das minorias, um exemplo desse “enquadramento” é a narrativa sobre o “descobrimento do Brasil” que silencia a voz dos povos originários. Assim é pertinente afirmar que o controle da memória coletiva é uma forma de poder e de domínio das minorias, apagando a sua narrativa, silenciando, ocultando a sua memória.

Entende-se por memória individual as lembranças armazenadas pelo sujeito a partir de elaborações de acontecimentos vividos. No entanto, a memória não se limita a ser apenas individual, nem tão somente coletiva, elas se estruturam e se entrelaçam no processo de constituição das recordações. (POLLAK, 1989). Para Maurice Halbwachs, a memória individual constrói-se a partir da alteridade.

A sobrevivência dessas memórias, não hegemônicas, é o que Michael Pollak (1989), vai nomear de memória subterrânea. Esta é a possibilidade da sobrevivência das memórias históricas de grupos excluídos e marginais, no caso dessa pesquisa, o grupo de romeiros de Morro do Chapéu na Bahia.

3.1.1 Memória construção social

"A memória é a mais épica de todas as faculdades".

Walter Benjamin.

A memória é a base fundamental para a construção de uma noção de coletividade, sendo considerada pelos historiadores como documento/monumento, segundo Le Goff (1992) o documento possui um “(...) sentido mais amplo, documento escrito ilustrado, transmitido pelo som, imagem, ou de qualquer outra maneira.” (LE GOFF, 1992, p. 540).

Pierre Nora, apresenta a ideia das “alegorias da memória” que são símbolos e imagens que têm um significado histórico profundo para uma comunidade. Elas podem ser monumentos, memoriais, comemorações, datas históricas, símbolos, rituais, tradições ou outras formas de expressão cultural que lembram ou evocam o passado de uma sociedade.

Ao rememorar o reisado do seu Marcolino, evocamos um passado que se concretiza no presente. Toda memória resulta de uma tensão entre o “lembrar e os esquecer”, é, pois, eletiva, e em sua maioria narra apenas um “lado da história”. Consideremos a existências não de uma única memória, mas sim de memórias, individuais, oficiais, coletivas e ainda a subterrânea,

sendo esta última a categoria que representa a manifestação religiosa-cultural do reisado a função ser a voz das memórias silenciadas. E para dar visibilidade aos grupos que estão à margem, ofuscados pela historiografia oficial, a memória pode ser requisitada como fonte pelo historiador como afirma Ecléa Bosi (1979), "dar existência a essas memórias", segundo a autora, o tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar.

Logo o reisado do mestre Marcolino, é o elo entre o presente e o passado que ergue a identidade coletiva dessa comunidade, é o rememorar a lembrança no presente que garante a permanência da memória. Segundo Halbwachs (1990) as memórias individuais e o coletivas se complementam. Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos que só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Buscaremos entender a memória e a relação desta na constituição da identidade e pertencimento de um indivíduo ou da coletividade de acordo com o que defende Halbwachs (2004)

Assim a memória pode ser coletiva, quando ao mesmo tempo conforma e insere o contexto familiar, social, nacional, está neles inserida. Um homem para evocar o seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros e a memória das quais ele faz parte direta, mas sim por associação, por ser membro daquela coletividade ou sociedade. Ele se reporta a referência que existem fora dele e que são fixados pela sociedade. (HALBWACHS, 2004, p.53).

Compreendemos a Memória como um processo permanente de construção e significação, símbolo da cultura e da identidade coletiva. Sustentada pelos registros da memória oficial, as tradições religiosas e culturais, fatos, lembranças, práticas sociais são indicadores empíricos atuando como um reforço da ideia e sentimento de pertencimento a um lugar espaço-território, a uma cultura a uma identidade. (POLLACK,1989).

Pierre Nora (1984) define a memória, defendendo que “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, estando em permanente evolução, alerta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.”

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar algum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mas ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória. (NORA,1984, p. 18).

Compreender o sentido e o significado da memória e a sua relação com a construção das identidades, é entender a importância das manifestações culturais populares, religiosas, como é o reisado. Reconhecer na vivência e a narrativa do mestre Marcolino e para todos os integrantes do grupo é garanti-lhes o papel de protagonistas de uma memória que embora, oficial, eletiva, reaviva em cada corpo negro ali pertencente, novos e velhos, a certeza de pertencimento, mesmo que intuitivo, o reisado, tradição familiar – cultura popular alimenta e demarca a identidade social em Morro do Chapéu.

Halbwachs, na obra *Memória coletiva* (2013), discorre a respeito da memória como mecanismo de (re)construção. Para o autor

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2013, p. 30).

Assim, o reisado se configura como elemento ideológico, que age diretamente na formação e nos processos de constituição da memória, sendo ele integrado à concepção e à constituição da coletividade e dos indivíduos.

3.1.2 Memória afetiva

Há ainda uma outra memória presente nesta dissertação, e quiçá, seja esta, a que mais mobilizou o sujeito-pesquisador dentre as memórias que serão aqui brevemente apresentadas como base teórica no capítulo II, visando construir o entendimento da categoria Memória, a memória afetiva.

Segundo Willi Bolle, a memória afetiva individual pode ser uma reflexão sobre a sociedade e a história. Para o autor, na memória afetiva há uma relação entre o presente e o passado, que está se manifesta em gestos, nas posturas dos corpos, no jeito de andar, em um olhar, ou no que ele chama de memória perto da gente. Tais impressões, se sobrepõem para ele por exemplo aos objetos, às coisas, às obras arquitetônicas, de acordo com Bolle “todas essas coisas estão ligadas à percepção de espaço e das emoções [...]” (Bolle, 1984:14).

Portanto, está dissertação discorre também sobre as minhas memórias afetivas, edificadas durante a infância, nas memórias de Natal, ao meu entendimento de pertencimento de um lugar-espaço. Durante todo o mês de dezembro a minha família materna, e em especial, minha avó, conhecida pela alcunha de Dona Detinha, na cidade de Morro do Chapéu-Ba, anos

a fio recebeu em sua casa na rua Andrade, número 87(oitenta e sete), o reisado do mestre Antônio Marcolino, com muita fé e devoção.

E para além dos objetos, para além dos rituais e das performances que fazem parte do fenômeno do reisado, o que em mim mais perdurou, nesse eterno jogo de esquecer e lembrar que é a construção da memória, foram os olhos, os sorrisos, o ar de sagrado que havia em cada gesto; os primeiros ruídos dos instrumentos trazidos pelo vento frio e húmido da noite ecoando nas ruelas da cidade; a expectativa para abrir a porta da casa, olhando pelas falhas da madeira cinza desbotada pelo tempo, enquanto, do lado de fora, o mestre Marcolino, com sua família de reseiros, entoava o "ô de casa ... ô de fora"; o calor aconchegante emanado dos corpos amontoados na pequena sala da casa da minha avó espantava o frio insistente das noite de dezembro de Morro do Chapéu, o sorriso contido e a alegria brejeira da minha avó, todo essa imensidão de miudezas ergueram a minha memória afetiva do reisado.

E durante anos estas memórias construíram a minha identidade e meu entendimento de que eu sou um corpo negro. No entanto, buscamos discorrer sobre o papel que o fenômeno reisado desempenha na narrativa da construção das memórias do morrense, para além da memória hegemônica, uma memória estruturada nas vozes e corpos silenciados, emergindo de histórias submersas ao longo do tempo das narrativas em Morro do Chapéu. Memórias não grafadas nos livros, nem nas tradicionais narrativas oficiais da cidade, mas que tem na tradição da oralidade e no corpo negro o seu suporte.

Assim, este texto discorre sobre uma tradição que se desenha no corpo negro dos reseiros, considerando-o elemento fundante da memória subterrânea, somadas ainda com às memórias individuais, e para tal fim, buscamos investigar este fenômeno, sob o universo científico, com todo o rigor e método necessários para a concretude do fazer científico.

Não obstante, durante esta pesquisa, me deparei com muitas ausências as quais não poderia jamais ignorá-las, nem como dado científico, nem como testemunha deste fenômeno. Dentre elas está a ausência de material escrito, ou de registros visuais (fotos, vídeos) sobre o reisado do mestre Antônio Marcolino no período em que este esteve à frente, ou mesmo no recorte temporal desta dissertação (2010 -2017) seja nos arquivos públicos, seja entre os membros da família do mestre violeiro, seja entre a comunidade morrense.

3.1.3 Memória oral

“Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”

Hampaté Bâ

A memória oral, trata das memórias ágrafas, que não se baseiam em fontes documentais, escritas, mas sim nas narrativas, lendas, mitos, causos passados de geração a geração pela oralidade, ou seja, pela história oral. Geralmente vinculadas às civilizações originárias, (como no caso do Brasil) essas culturas como os indígenas e povos africanos, não possuem em sua estrutura a preocupação da documentação. Em parte, por crerem no poder místico da palavra “o verbo” não é com os registros nem com a preservação dos relatos, mas com os processos e circunstâncias em que as memórias são construídas e atualizadas pelos conjuntos sociais.

Trata-se de uma memória da história que, por contar com poucos recursos documentais, privilegia recursos internos, transmitidos oralmente. Essa memória é muito comum na religiosidade afro devido à transmissão oral. Essas religiões não são baseadas em registros escritos. Tradicionalmente todo conhecimento é transmitido dos mais velhos aos mais novos por meio da oralidade.

Acredita-se que a fala e o hálito dos mais velhos transmitem também o axé que acompanha o conhecimento oral e não pode ser passado pelo conteúdo escrito. A intelectual Leda Martins em sua obra *Afrografias da Memória* (1997) discorre sobre a necessidade da oralidade como forma de resistência e memória, uma estratégia de sobrevivência à violência da escravidão no qual a sua língua e seus corpos foram submetidos. Além do apagamento imposto pela lógica eurocentrada, há ainda um dado importante nesta construção, como defende a professora Leda Martins (1997), as civilizações e culturas africanas são predominantemente ágrafas. (MARTINS, 1997, p-25).

É o sagrado personificado na memória e na ancestralidade através da oralitura, perpetua a tradição/memória, a cultura e a cosmogonia africana presentes nesta tradição católica-africana, estabelecida pelo processo sincrético, um elemento imagético negro-brasileira, que faz da tradição ora, um veículo místico para perpetuar a tradição/memória, a cultura, a identidade ultrapassando a limitação tempo-espço das memórias afrográficas em signos, em performances, com os corpos negros, para reinventar um novo quilombo, atemporal e imagético. Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde

o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura. (BÂ, 2010, p.168).

Le Goff (2003) na obra *História e Memória*, defende que as sociedades sem escrita são mais criativas e não menos “civilizadas”, em verdade por estas culturas a memória não está limitada a grafia, e sim no narrar palavra por palavra, dos fatos. Isso explicaria a recriação da tradição afro-brasileira, que se uniu a elementos católicos, indígenas, entre outros.

Esta memória coletiva das sociedades "selvagens" interessa-se mais particularmente pelos conhecimentos práticos, técnicos, de saber profissional, para a aprendizagem e a conservação dos segredos dos ofícios. Nestas sociedades sem escrita há especialistas da memória, *homens-memória: guardiões, historiadores da corte*, Balandier [1974] diz que são "a memória da sociedade" são eles os "chefes de família idosos, bardos, sacerdotes", a esses personagens "na humanidade tradicional, recai um importantíssimo papel de manter a coesão do grupo." (BALANDIE, 1964, p. 66).

Alessandro Portelli (2016), ao analisar o processo de rememoração nos afirma que a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Assim sendo, cada recordação terá o seu desenho, a sua forma de se concretizar que nem sempre serão semelhantes, podendo inclusive discordar e ser oposta para cada indivíduo. Dentro do universo do negro africano, e no caso dos afro-brasileiros, homens diaspóricos, que sofreram com a escravização, a oralitura foi uma aliada importante de sobrevivência. Quando o homem branco, europeu apenas reconhece e valoriza os iguais que seguem a sua lógica da racionalidade e de "progresso" a passagem do oral ao escrito, desprezou a rica textualidade oral que constituem as civilizações e cultura africana, predominantemente agrafas, considerando-as “selvagens.” (MARTINS, 1997).

Segundo Hampaté Bâ (2010), mestre na tradição oral africana, é autor de obras que tratam da oralidade na cosmovisão africana, nelas os ensinamentos foram transcritos para o mundo do registro; como por exemplo na obra *A Tradição Viva*, BÂ é o mensageiro responsável por interligar esses dois mundos duramente diferentes um do outro, nesta obra o mestre afirma que

Durante muito tempo, nações modernas, julgou que povos sem escrita eram povos sem cultura. Esse conceito infundado começou a desmoronar após as duas últimas guerras, graças ao notável trabalho realizado por alguns dos grandes etnólogos do mundo inteiro. (BÂ, 2010, p. 167).

Assim se deu com o reisado do mestre Marcolino, reconhecido oficialmente cm mestre griot pelo governo do estado da Bahia, em entrevistas e/ou em conversas informais, o velho Marcolino, sempre enfatiza que o reisado é sua missão de vida, pacientemente transmitidos de

boca a ouvido pelos seus antepassados. Assim também acontecia na tradição africana, os ensinamentos vão de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. ((BÂ, 2010).

O mestre Antônio Marcolino, guardião da tradição, cumpriu sua missão, e antes de partir transmitiu para o seu filho primogênito, Mateus Marcolino, os ensinamentos que recebera, ensinado desde pequeno a tocar viola, a liderar o grupo nas noites de reis pela cidade, a entoar os cânticos em homenagem a Santos Reis. Hoje, Mateus Marcolino, enfrenta desafios para manter viva a tradição dos seu pai e dos seus antepassados. Não residindo em Morro do Chapéus, o filho do mestre violeiro retorna à cidade apenas no período das festividades natalinas, buscando em pouco tempo auxílio da administração pública da cidade, o pároco da igreja, os povoados da zona rural, mobilizando o seu grupo de reseiros, no intento de cumprir a promessa feita ao velho mestre violeiro, de não deixar o reisado acabar. Haverá espaço para essa tradição oral, religiosa e cultural no futuro da sociedade morrense contemporânea? O novo mestre violeiro garante que sim. E talvez inconscientemente, ele reaviva a tradição dos seus antepassados, pois, segundo Hampaté Bâ (2010), nas sociedades orais não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte.

3.1.4 Memória corporal

A memória corporal é uma forma de memória que está relacionada à nossa experiência física e sensorial do mundo. Ela envolve o corpo e as sensações, e pode ser transmitida por meio de gestos, danças, cantos e outras formas de expressão corporal. Através da dança, gestos e movimentos específicos, os praticantes mantêm viva a história e conexão com suas raízes culturais, enquanto expressam sua devoção e fé de forma artística e ritualística.

No contexto do reisado, a memória corporal é uma forma muito presente de transmissão de tradições e costumes. Os passos de dança, gestos e movimentos específicos são transmitidos oralmente de uma geração para outra, e muitas vezes são realizados por grupos de pessoas que praticam o reisado há anos.

Estas memórias são segundo a autora Carla Borges (2021), em sua tese *O meu corpo sou eu? – narrativas de cadeirantes sobre a construção da imagem corporal* “as vozes corporais que, pelos mais diversos motivos, tantas vezes se calam e guardam para si as mais

surpreendentes narrativas de suas histórias e memórias de corpo vivido, com suas performances, temores, experiências, sensações e subjetividades. (BORGES, 2021, p.18).

Na obra *Festa e Corpo*, Luís Vitor Castro Junior (2014) organizador e autor da obra, e os demais autores, debruçam-se sobre a festa e o corpo nas festas populares da Bahia, levantando questões sobre estes corpos e o anonimados destes. Para eles a festa é construído histórico, o corpo é luz e sombra, memória material, narrativa. Estabelecer um diálogo com a festa e encontrar o lugar do corpo neste momento é, também, pensar que o universo das artes e da festa como expressão artística pode ser uma forma de conhecimento do mundo, uma forma de apropriação diferenciada da realidade que revela a riqueza da diversidade de corpos existentes em um Brasil multiétnico.²¹

Além disso, a memória corporal no reisado é também uma forma de celebração e devoção. A dança é realizada em homenagem a Jesus Cristo e aos Reis Magos, e é uma forma de expressar a fé e devoção dos praticantes. Por meio da dança e da memória corporal, os praticantes podem se conectar com seus sentimentos religiosos e expressá-los de forma artística.

A memória corporal no reisado é também uma forma de conexão com as raízes culturais e históricas da comunidade em que a manifestação ocorre. A dança e os movimentos específicos têm origens em tradições europeias, africanas e indígenas, e foram incorporados ao longo do tempo à cultura popular brasileira. Através da dança e da memória corporal, os praticantes do reisado mantêm viva essa história e conexão com suas raízes culturais. Assim, é inegável a influência da cultura africana permeando-a todo o tempo, a manifestação religiosa e a festa do reisado em Morro do Chapéu, desenhando uma identidade local na memória da comunidade morrense.

Mas é preciso delimitar uma questão: De quais corpos estamos nos referindo? Quais narrativas eles trazem? Castro Júnior (2014) nos diz que este questionamento é fundamental para o entendimento sobre como as festas e os corpos, suportes destas manifestações culturais e religiosas se organizam na realidade e contexto baiano. Para tanto afirma que

Os corpos, nas festas são interculturais em tempo/espaço pós-colonial de intercruzamentos dos corpos-culturais (corpos-lusitanos, corpos-negros e corpos-índios) e, nessa movimentação histórica dos corpos, se produz um ambiente de conflito e consenso, de aliança e rebeldia, singular e plural da “cultura baiana”. Nessa circunstância histórica e social, a cultura dominante europeia e os “saberes subalternos” negros e indígenas se misturam nascendo uma cultura de ginga e manhas dos corpos-culturais. (CASTRO JUNIOR, 2014, p.16).

²¹ Este texto encontra-se no prefácio da obra *Festa e Corpo* as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas foi escrito pela professora Carmen Lúcia Soares -Campinas, 06 de janeiro de 2014.

Contudo, caberá ao capítulo III desta dissertação esclarecer e ampliar as discussões sobre a problemática em questão. Um corpo negro que herdou de sua raça o legado, a história, a memória, a resistência, um corpo que carrega em si a dualidade de ser memória de um passado vivido de sofrimentos e pagamentos, que foi submetido a um processo de objetificação e que atualmente, busca rememorar e ressignificar a sua história e a história dos antepassados, deste corpo, suporte da memória.

Buscamos entender a relação entre as práticas corporais dos indivíduos que compõem o reisado do mestre Marcolino e a narrativa que esses corpos trazem para a construção da memória em Morro do Chapéu.

CAPÍTULO IV: “VOCÊS TUDOS SÃO DOS MEUS TRONCOS MAIS VELHOS”

4.1 VISUALIDADES E CORPOREIDADES NO REISADO DE MORRO DO CHAPÉU: O LEGADO DO MESTRE MARCOLINO

Neste capítulo, propõe-se uma análise das visualidades e da expressividade dos corpos negros no contexto do Reisado de Morro do Chapéu sob a liderança do Mestre Marcolino. Este estudo visa compreender como essas visualidades refletem as narrativas culturais e as identidades afro-brasileiras e na memória coletiva.

A presença do corpo negro nas fotografias do Reisado oferece uma janela única para explorar visualidades e simbologias que transcendem o simples registro documental.

A visualidade das celebrações do Reisado em Morro do Chapéu revela uma 'tapeçaria cultural' que é constituída por uma 'linguagem visual complexa e simbólica' (Sousa, 2015, p. 92), onde cada elemento fotográfico é carregado de significado cultural e histórico.

O Reisado, uma tradição cultural marcante, torna-se um palco onde as expressões corporais negras são capturadas, revelando nuances significativas sobre identidade, cultura e resistência. Mestre Marcolino, que fez da sua vida de reseiro, um estandarte da resistência do homem negro em Morro do Chapéu. Ele persiste apesar de tudo. Seu Marcolino é eterno. E se eternizou na memória de cada cidadão de “cidade das flores”.

Neste contexto, busca-se desdobrar as complexidades presentes nessas imagens, do reisado do mestre Antônio Marcolino em Morro do Chapéu na Chapada diamantina, examinando como o corpo negro no contexto do Reisado se torna um veículo de narrativas visuais ricas em simbolismo, extrapolando o lugar que lhes foi dado de subalternidade. Marcolino protagonista dessa narrativa visual que compõe a memória coletiva morrense.

Mas de qual corpo estamos falando? Na filosofia, o termo "corpo" refere-se à parte física e material de um ser humano ou de um organismo. É frequentemente contrastado com a mente ou alma, sendo parte integrante da dualidade corpo-mente. A filosofia do corpo abrange questões sobre a natureza da materialidade, a relação entre corpo e mente, a identidade pessoal e a experiência corporal. Enquanto na biologia, o corpo é definido como a estrutura física e organizada de um organismo, composta por diferentes sistemas e órgãos que desempenham funções específicas.

Mas seria reduzir demasiadamente dizer que são estes os entendimentos de corpo deste estudo. Partimos de um lugar que reconhece que este entendimento é construído culturalmente, parte do lugar e das vivências individuais e/ou coletivas, além das complexas relações que se estabelecem em relação ao próprio corpo e do Outro, e que terá julgamentos e leituras diversas se esse corpo for um corpo negro. E que não existe a possibilidade da existência e permanência do reisado, tradição e manifestação cultural, sem o corpo negro, suporte e alimento desta cultura. Dessa forma, podemos concluir que a formação da identidade e memória ocorre também por meio da corporeidade²² e que essa dimensão corporal se desenvolve a partir da nossa interação com o mundo.

Neste sentido, entendemos que a corporeidade emerge como um domínio de conhecimentos pessoais, onde as impressões do corpo e do sujeito são continuamente arquivadas, quer seja na forma de linha ou sequência, quer na relação "corpo-espaco-movimento", a tríade "corpo-tempo-movimento" também confere valor ao processamento da corporeidade. Para Bhabha (1998) "o corpo está sempre simultaneamente inscrito tanto na economia do discurso, da dominação e do poder" construído historicamente e reforçado pela dinâmica do colonizador versus o colonizado, enraizadas na visão do homem branco sua perspectiva eurocentrada.

Ao somarmos com a visão de Hall (2013), podemos conceber o corpo como um texto, um texto pronto para ser explorado e interpretado. Corroborado por Fanon (2008), esse corpo-texto já possui uma interpretação predefinida, que é aquela do observador branco: "Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco" (FANON, 2008, p.104).

²² O juízo desenvolvido pelo sujeito sobre aspectos de seu corpo pode ser compreendido como corporeidade.

4.1.1 Corpo Negro como Guardião da Tradição

Nos Reisados, o corpo negro emerge como um guardião ativo da tradição. As narrativas encenadas, muitas vezes envolvendo figuras míticas e religiosas, são transmitidas de geração em geração através do corpo negro como veículo. Assim se deu na família do mestre violeiro, que passou o seu legado para a próxima geração de violeiros, e que prepara todos de sua família para esta função, desde os mais novos, ainda meninos, recebem a bênção e o batismo no samba de roda, é a missão dos 'Marcolinos' neste mundo, sustentar com sua fé e seus corpos negros, a memória coletiva de Morro do Chapéu.

Por outro lado, é um caminho que muitas vezes é solitário, resiliente, apagado da história oficial, e permeado por dificuldades desde as mais cotidianas, como transporte para visitar as comunidade vizinhas, dinheiro para alimentar toda a comunidade dos reseiros, questões de saúde, até as mais complexas, como pensar no futuro desta manifestação cultural, já que a preservação dessas tradições não apenas fortalece os laços com o passado, mas também projeta uma visão de futuro fundamentada na riqueza da herança cultural, que transcendem o físico, transcende a família sanguínea de Antônio Marcolino, e a cada ano, os festejos de Santos Reis, pelas ruas e casas de Morro do Chapéu, reescreve a linha de tempo de passado e presente.

Leda Martins (2003) é assertiva ao defender que a memória também se inscreve, se grafa e se postula pelo corpo, um entendimento comum às culturas indígenas e africanas. Dito isto, o corpo negro nas fotografias do Reisado de Antônio Marcolino, emerge como um narrador histórico por excelência da cultura e tradição das festas tradicionais do natalício. Cada gesto, cada expressão facial e cada movimento corporal contam uma história de lutas, triunfos e resistência. Essas imagens são registros visuais de uma herança cultural que persiste através do tempo, desafiando estereótipos e reforçando a importância da preservação e celebração das tradições negras. É a representação visual do corpo negro e a narrativa histórica, destacando desafios, oportunidades e impactos significativos em termos de identidade e memória coletiva.

Para HALL (2013), "dentro de toda exclusão e opressão sofrida na colonização, restou às populações de descendência africana o seu corpo como forma de expressão e identificação na diáspora". Neste contexto, o corpo negro muitas vezes foi representado de maneira estereotipada, servindo como símbolo de exotismo e submissão. No entanto, mesmo nessas representações limitadas, o corpo negro contém vestígios de resistência e resiliência, agindo como testemunha silenciosa de uma história frequentemente omitida. Não é dissonante afirmar que o reisado é lugar de resistência. E que o velho mestre violeiro ensina ainda hoje sobre

desobediência, sobre ser o protagonista de uma afro- memória que tentaram sempre apagar, omitir a existência desse corpo negro, desse homem-memória.

Antônio Marcolino, ou negro Marcolino, ou ainda o Mestre Marcolino, é o protagonista, mas não porque assim o quiseram, mas porque ele assim reivindicou, continuando a existir, e se perpetuando em suas gerações futuras, mesmo após a sua morte, Marcolino está presente, mesmo após a sua partida deste mundo concreto, ele ressurge ano após ano na memória coletiva dos morrenses sendo este homem-lugar de pertencimento e identidade.

E coube ao corpo negro, ser o grande narrador histórico que desafia e enriquece a compreensão coletiva da história. Assim entender e reconhecer a representação visual do corpo negro é um ato político e cultural significativo, moldando e redefinindo constantemente as narrativas históricas, que estão a margem da história-memória oficial. Neste interim os desafios na representação do corpo negro persistem, estereótipos, apropriação cultural e falta de inclusão continuam a ser obstáculos que exigem uma análise crítica. No entanto, há também a oportunidade de desafiar essas representações prejudiciais e promover uma compreensão mais autêntica e respeitosa das visualidades do corpo negro nos Reisados.

Segundo Leda Martins (2003), ao cantar e dançar o corpo negro cria algo mítico, constrói um falar filosófico, uma cosmovisão que vêm do ser negro. Transmite, força, pertencimento e poder em uma performance no cantar e no bailar dos seus corpos. A autora ainda complementa essa ideia ao afirmar que

As performances rituais, cerimônias e festejos, por exemplo, são férteis ambientes de memória dos vastos repertórios de reservas mnemônicas, ações cinéticas, padrões, técnicas e procedimentos culturais residuais, recriados, restituídos e expressos no e pelo corpo. (MARTINS, 2003, p.5).

O corpo negro nos Reisados é um palco dinâmico onde a riqueza cultural, histórica e simbólica se desdobra, se lança e se expande. Ao reconhecer o corpo negro como agente ativo na transmissão de tradições, fortalecemos não apenas a compreensão dessa manifestação cultural, mas também a preservação de identidades e memórias coletivas.

Partiremos para a análise das fontes visuais, fotografias do reisado com o recorte temporal 2010- 2020. No contexto do reisado, observa-se que esses rituais são construídos através da prática recíproca e da troca de valor e/ou simbolismo, desempenhando o papel de estabelecer conexões com o divino e, simultaneamente, reforçar os vínculos sociais (MAUSS, 2003, p.76).

A dança é uma forma central de expressão, e o corpo negro desempenha um papel vital nesse aspecto. As coreografias elaboradas e os movimentos rituais são visualidades que não

apenas entretém, mas também comunicam histórias, tradições e valores específicos da comunidade negra. O corpo negro, através da dança, se torna um portador de memórias e experiências ancestrais.

Vera Lucia Pergo (2008) em estudo sobre *Os Rituais na Folia de Reis* afirma que no contexto da "Folia de Reis", é relevante destacar que os cânticos abordam, de maneira geral, o nascimento do Menino Jesus e a visita dos Reis Magos. É notável, no entanto, que as letras desses cânticos variam de acordo com os rituais específicos envolvidos na celebração. Estes ritos incluem momentos distintos, tais como: a chegada a uma casa (envolvendo consulta ao dono, entrega da bandeira e entronização desta); a louvação (caracterizada pela solicitação de permissão para entrar, expressões de louvor aos moradores, pedidos de esmolas e agradecimentos); o encontro entre diferentes folias (embora raro, quando ocorre, segue um cerimonial minucioso que envolve saudações, o beijo nas bandeiras e a oferta de esmolas); o encontro com um pobre ou a visita a uma família carente (diferenciando-se do padrão usual, a folia oferece uma esmola em vez de receber o donativo e, em seguida, se despede); e a festa de encerramento, que inclui baile e a entrega solene da bandeira (Porto, 1982). Esses elementos compõem a complexidade e a riqueza cerimonial da "Folia de Reis".

Destarte as indumentárias usadas pelos participantes dos Reisados são verdadeiras manifestações de simbolismo cultural. Adornos, cores e padrões escolhidos cuidadosamente não apenas destacam a estética da apresentação, mas também transmite significados profundos relacionados à história, espiritualidade e resistência do corpo negro. Cada adorno conta uma história, cada peça de roupa é uma afirmação de identidade. A melodia é entoada repetidamente ao longo dos dias da celebração. Em algumas ocasiões, ela é reconhecida como característica distintiva daquela comunidade e apenas varia durante a adoração ao presépio. Entende-se por "Patrimônio Cultural Imaterial"

No contexto de Morro do Chapéu, o Reisado é uma expressão viva das tradições afro-brasileiras, conforme observado por Oliveira (2019), que destaca a importância da festividade como um espaço para a performance da identidade negra.

Figura 11: Reisado sob o comando de Matteus Marcolino.



Fonte: Ascom – Prefeitura Municipal de Morro do Chapéu-BA.

A vestimenta no Reisado transcende a mera funcionalidade, tornando-se uma linguagem visual que carrega simbologia e significado profundo. As fotografias documentam o cuidado e a criatividade aplicados nas indumentárias dos participantes negros, incorporando elementos que conectam diretamente com as raízes culturais africanas. Adornos, cores e padrões são meticulosamente escolhidos, representando a resiliência e a continuidade de tradições ancestrais. Na imagem documento abaixo, apresenta-nos os elementos que constituem este universo do reisado em Morro do Chapéu, a saia em tom azul, as fitas coloridas, os chapéus, as fitas nos instrumentos, cada elemento compõem o cenário do reisado.

A interpretação das fotografias do Reisado de Antônio Marcolino, violeiro morrense, também suscita questões desafiadoras. A representação do corpo negro pode ser influenciada por estereótipos historicamente arraigados, e a interpretação dessas imagens requer uma abordagem crítica. Fanon (2008) assegura que olhar do branco sobre o negro contribui para a formação da identidade negra e influencia a autoimagem dos indivíduos negros. Logo explorar as fotografias com sensibilidade cultural e histórica permite desvendar as múltiplas camadas de significado, evitando simplificações ou generalizações prejudiciais.

O Reisado, uma manifestação cultural rica e multifacetada, é um espetáculo visual e performativo que transcende a simples celebração, tornando-se uma expressão viva da identidade cultural. Este capítulo visa analisar os elementos visuais como trajes, adereços, cores

e símbolos presentes no Reisado liderado pelo Mestre Marcolino em Morro do Chapéu, investigando como esses aspectos contribuem para a percepção e a continuidade da tradição.

A fotografia em análise revela os participantes do Reisado vestidos com trajes tradicionais que são mais do que simples peças de vestuário; são vestimentas da memória cultural. Os chapéus adornados com fitas coloridas remetem à herança africana e ao sincretismo religioso, enquanto os trajes de cores vibrantes, como os azuis profundos, evocam o céu e o mar, elementos naturais profundamente enraizados na cosmovisão afro-brasileira. O uso do couro e de tecidos rústicos reflete a conexão com a terra e a vida rural. Cada elemento dos trajes e adereços carrega um pedaço da história e da cultura do povo de Morro do Chapéu, com cada cor e forma contando uma parte da narrativa do Reisado. Ainda há nesta

As cores presentes na imagem são carregadas de simbolismo. O azul, predominante nos trajes, pode ser interpretado como uma referência ao manto de Nossa Senhora, uma figura central em muitas festas religiosas brasileiras, incluindo o Reisado. As fitas multicoloridas nos chapéus dos participantes são um aceno à diversidade e à alegria intrínsecas à cultura brasileira. Esses símbolos visuais não apenas adornam, mas comunicam: eles são um idioma visual que fala da história, da fé e do orgulho de uma comunidade. As cores vivas presentes nos trajes do Reisado não são apenas escolhas estéticas; elas funcionam como um código visual que transmite mensagens específicas relacionadas à identidade e à resistência cultural (Ribeiro, 2018).

A estética da performance capturada na imagem é vibrante e dinâmica. Os participantes estão em movimento, envolvidos na música e na dança, elementos fundamentais do Reisado. A performance não é estática; ela é um diálogo contínuo com a audiência, convidando-a a participar e a se conectar com a tradição. É viva e presente na cultura, é latente e presente na identidade dos morrenses, pulsa na minha memória individual e no que me constituiu como pertencente à Morro do Chapéu. Ainda hoje, sou atravessada pela memória dessas noites encantadas na sala da casa da minha avó Detinha, meu “LUGAR de memória” que rompeu o espaço tempo de um passado longínquo. Tudo que testemunhei, experienciei e vivi lado a lado com os reseiros e família de Marcolino fizeram da cotidiana sala da casa da minha avó materna, um portal que revela um Lugar-memória-pertença. Grafado na memória, grafado no espaço físico da sala, nas fotografias, e nos corpos negros que ali estavam.

O impacto dessa estética na percepção da tradição é profundo: ela não apenas preserva a memória cultural, mas também revitaliza e reinterpreta a tradição, mantendo-a relevante e viva para as novas gerações. Está presente na cultura, está presente na identidade dos morrenses,

está presente na minha memória individual e no que me constituiu como pertencente à Morro do Chapéu. Ainda hoje, sou atravessada pela memória dessas noites encantadas na sala da casa da minha avó Detinha, meu “LUGAR de memória” que pro tudo que testemunhei neste espaço, não lhe caba mais a nomenclatura de espaço, mas de Lugar-memória-pertença.

A análise dos elementos visuais presentes no Reisado do Mestre Marcolino demonstra que a visualidade é central para a experiência do Reisado em Morro do Chapéu. Os trajes, adereços, cores e símbolos são portadores de significado e são essenciais na transmissão das tradições culturais. A estética da performance captura a essência do Reisado, destacando a importância da continuidade dessa prática cultural e celebrando a identidade e a memória da comunidade.

Tais fotografias, proporcionam um mergulho fascinante nas visualidades e simbologias do corpo negro. Ao examinar essas imagens, podemos apreciar não apenas a estética do evento, mas também reconhecer a profunda riqueza cultural e histórica que o corpo negro carrega consigo. O Reisado de Marcolino, através das lentes das fotografias, revela-se como um espaço vital onde o corpo negro é protagonista, narrador e guardião de uma herança que merece ser celebrada e preservada.

A imagem retrata uma cena vibrante de celebração, provavelmente uma festa ou uma forma de ritual, onde a música e a dança são os protagonistas. No centro da composição está uma menina, cuja saia rodada capta o olhar imediatamente, tornando-se um símbolo do movimento e da energia que flui através do ambiente.

A menina ao centro, com sua saia rodada e chapéu estilizado, é a imagem do entusiasmo e da inocência, mas também carrega consigo a responsabilidade de ser uma transmissora viva da cultura. O movimento da sua dança, com a saia em pleno giro, é remanescente de muitas danças tradicionais africanas, onde o movimento circular é carregado de significado. No contexto da cosmovisão africana, o círculo é frequentemente um símbolo da vida, representando o ciclo vital, a continuidade, a comunidade e o universo.

A roda formada ao redor dela pelos outros participantes, todos vestidos em trajes harmonizados de azul e branco, com chapéus adornados de fitas, reforça a ideia de unidade e continuidade. O círculo formado pelas pessoas é um espaço sagrado, um microcosmo do mundo e um lugar onde o sagrado e o secular se encontram. A roda é um conceito fundamental em muitas práticas espirituais africanas, usada em rituais e celebrações como uma maneira de honrar os ancestrais e invocar a presença divina.

Os músicos, com seus instrumentos — um violão e um tambor, que é central em muitas tradições musicais africanas — fornecem não apenas o ritmo para a dança, mas também uma conexão com as tradições orais e musicais da África. A música é mais do que entretenimento; é uma forma de comunicação, uma forma de contar histórias, preservar a história e transmitir ensinamentos e valores.

Figura 12: Matteus Marcolino com seus primos e irmão, tocando e cantando enquanto sua sobrinha samba na roda.



Fonte: Charles Excedell- 2017.

Nesta cena, a menina e a roda são a encarnação física de uma herança cultural rica e profunda. A dança e a música criam um espaço onde o tempo presente se encontra com o passado, e onde a comunidade reafirma sua identidade e sua conexão com as tradições ancestrais. Este momento capturado é uma expressão de alegria e resistência, um lembrete de que, apesar da diáspora, a cosmovisão africana continua viva e vibrante nas práticas cotidianas e nas celebrações da diáspora africana. Ficará apara sempre no corpo-memória de todos, mas principalmente da pequena criança.

Na fotografia apresentada abaixo, temos o santuário do mestre griot, que ele posa, com orgulho muita altivez e consciência de quem ele é, do que ele representa para Morro do Chapéu, a sua história e da sua gente. Uma imagem, carregada de simbolismo, rica, potente que apresenta o universo de homem, negro, filho de ex-escravizados que fez da sua história a memória de todos os morrenses. A disposição dos objetos, os objetos em si, o altar, a mesa, a viola, como se fosse parte do seu próprio corpo negro, cansado²³.

Figura 13: Mestre Marcolino, sentado diante do altar da sala de casa em Morro do Chapéu, Bahia.



Fonte: Charles Excedel -2014.

Na imagem acima, observamos um senhor, o Mestre Antônio Marcolino, em um ambiente repleto de objetos carregado de significados culturais e simbólicos profundos. Através desta fotografia do Mestre Antônio Marcolino, ficamos paralisados e ao mesmo tempo embevecidos na potência e força desta imagem. Estamos diante de um Negro mestre *griot*, é tão forte sua altivez, que nos cala à primeira vista. Há em cada detalhe uma aura inebriante de dignidade e honra. O mestre violeiro, Filho de Alfredo “Boca torta”, encarna (na sua carne-corpo negro) todos os seus ancestrais. Imerso em um ambiente repleto de elementos significativos, oferece uma janela visual para a rica tradição afro-brasileira. Através dos objetos

²³ No santuário de Marcolino ainda se encontram pendurados as caixas antigas e pandeiros de madeira, e uma viola três-quartos, feitos artesanalmente pelo luthier local João Primo. Há, inclusive, tambores feitos com troncos de pau e coro de animal utilizados no samba de caboclo enterrados embaixo de outros objetos no pequeno quarto. Marcolino jamais fala em usá-los e não fazem parte da celebração do reisado. (EXDELL, Charles, 2017)

que o cercam, cada um imbuído de simbolismo cultural e espiritual, desvelamos a complexidade de suas múltiplas identidades e a profundidade de sua conexão espiritual.

Os chapéus, cuidadosamente dispostos, não são meros adereços; eles são emblemas de papéis sociais e cerimoniais dentro do Reisado, refletindo um espectro de status e funções culturais (Silva, 2017). Tais peças, como argumenta Santos (2019), são mais do que parte do vestuário: são insígnias de identidade e pertencimento. Alegorias e marcas de uma liderança.

A parede, adornada com uma miríade de imagens sacras, é um testemunho da sincretização religiosa que permeia a cultura brasileira. As figuras representam um panteão que atravessa o cristianismo e as religiões de matrizes africanas, uma fusão que Carvalho (2020) descreve como um mosaico religioso brasileiro, essencial para a compreensão das práticas devocionais locais. Assim como se realiza o catolicismo popular em Morro do Chapéu, com seus padroeiros negros e sua gente singela.

Em meio à tranquilidade estática do cenário, os instrumentos musicais, com o violão em destaque nas mãos do Mestre Marcolino, são símbolos da vitalidade sonora que anima o Reisado. Eles são, conforme Oliveira (2018) observa, os veículos pelos quais a sabedoria e as narrativas são perpetuadas, desempenhando um papel central na continuidade das tradições orais. Há momentos em que não se pode separar o violão do violeiro, ali, eles coexistem, são unos na missão do reisado e de resistir ao tempo, ao esquecimento.

A disposição dos objetos variados, incluindo cabaças, vestimentas e ferramentas, é uma ode à cultura material. Estes objetos, discutidos por Lima (2021), são artefatos que manifestam a vida cotidiana e as práticas sustentáveis de comunidades tradicionais, ancorando-as no mundo tangível. E nos revela quem é o reseiro, para além das ruas, das praças e da sua vida pública. O altar, uma constelação de imagens e objetos sacros sobre a mesa, é possivelmente um espaço dedicado a oferendas e práticas devocionais. Esse arranjo, como Gonçalves (2019) sugere, é um aspecto comum nas tradições afro-brasileiras, onde o divino e o terreno convergem em um diálogo contínuo.

Em suma, a imagem do Mestre Antônio Marcolino é um compêndio vivo da cosmovisão negra e da religiosidade afro-brasileira. Cada elemento presente na fotografia é uma peça de um intrincado quebra-cabeça cultural, um fragmento de uma memória coletiva que o Mestre preserva e transmite. Antônio Marcolino dos Santos nasceu no dia 15 de maio, 1951, e faleceu no dia 6 de junho, 2017. Ele tinha 66 anos de vida e 66 anos de samba. 66 anos que seu corpo negro dança, resiste e protagonista a sua própria história e de cada um dos filhos de Morro do

Chapéu, na Chapada Diamantina, e desde então eternizou-se em nós, na memória individual e coletiva dos morrense.

Mas ademais disto, qual será o futuro do reisado do mestre Marcolino? Existe espaço para esta tradição, patrimônio cultural e imaterial da cidade das flores? A quem recai o dever ou a missão de dar continuidade a esta força da memória coletiva dos morrenses? A história dá passagem para um novo mestre, entra na roda o filho mais velho de Marcolino, o herdeiro de fé e missão de vida, da família de violeiros – Mateus Marcolino.

Figura 14: Antônio Marcolino e seu filho Mateus Marcolino – 2017.



Fonte: Acervo pessoal da família dos violeiros.

Nesse sentido, o reisado é patrimônio Cultural imaterial e como tal, urge por preservação, é urgente refletir sobre salvaguardar o legado do mestre violeiro. Entende-se por “Patrimônio Cultural Imaterial²⁴” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este Patrimônio Cultural Imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, 2005).

Figura 15: registro do último ano de reisado do Mestre Marcolino- 2017.



Fonte: Charles Excedell.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*E'vêm E'vêm
Se meu amor for embora
Eu vou também
Que a barra do dia vem.*

O Reisado, em sua complexidade e profundidade, é um palco onde a memória subterrânea encontra voz, onde a resistência se manifesta em formas vibrantes, e onde o corpo negro assume um papel central, não apenas como participante, mas como protagonista e guardião de um legado cultural. Ao entender o Reisado por essas lentes, revela-se sua verdadeira essência como uma forma de arte que é simultaneamente resistente, resiliente e revolucionária.

Destarte, o Reisado, uma manifestação folclórica de origem portuguesa com influências africanas, oferece um espaço para a expressão cultural e espiritual, que ao se aprofundar no território brasileiro, ganhou tons e cores próprias de cada região e cultura. Buscamos nas fotografias, documentos/registros, elementos da visualidade e da simbologia da cosmovisão do homem negro, religioso, do interior da Bahia em Morro do Chapéu, que alicerçassem nosso entendimento da potência do Reisado do Mestre violeiro, Antônio Marcolino, como um lugar de resistência como um protagonista da memória morrense.

Tais fotografias capturam não apenas as danças e performances, mas também a corporalidade única dos participantes negros. Os corpos em movimento revelam uma linguagem não verbal que comunica tradições, crenças e alegrias específicas da comunidade negra envolvida no Reisado do Mestre Griot.

Outrossim, o reisado, expressão cultural rica e multifacetada, envolve uma intrincada relação entre a cultura corporal, tanto no âmbito coletivo quanto no individual. Essa manifestação tradicional, que combina danças, músicas, vestimentas e performances dramáticas, se desdobra no corpo coletivo dos participantes, que juntos formam um tecido de tradições e símbolos compartilhados, com a comunidade catpolica, com a família dos reseiros, com as famílias e casas visitadas durante os festejos, e por todo o trajeto e percurso do cortejo dos reseiros, fazendo das ruas, praças e casas, espaços “profanos” em lugares simbólicos e ressignificados pela fé, festa e tradição de festejar os Santos Reis. Está nos corpos de cada um dos integrantes do reisado de Marcolino, está coexistindo em cada corpo dos moradores que

abrem suas casas, lugar de memória, para em comunhão (de vozes, corpos e fé) desenhar esse rito da afro-memória coletiva, está grafado nas minhas memórias de meninas, como um corpo que pulso, vibra, a cada ladainha

No âmbito coletivo, a cultura corporal do Reisado se revela nas coreografias elaboradas, nos movimentos sincronizados e na colaboração entre os membros do grupo, na marcha e compasso pelas ruas. O corpo coletivo se torna o veículo que transmite e preserva as narrativas, crenças e valores transmitidos através da tradição do Reisado. Cada gesto, passo de dança e expressão facial contribui para a construção e transmissão dessa cultura corporal coletiva.

Ao mesmo tempo, o Reisado permite uma expressão individualizada no contexto desse corpo coletivo. Cada participante incorpora sua própria interpretação e estilo aos movimentos, contribuindo para a diversidade e riqueza da performance global. A cultura corporal individual se manifesta nas nuances de cada dançarino, nos detalhes das vestimentas pessoais e na expressão facial única de cada integrante.

Assim, o Reisado, como fenômeno cultural, tece uma intrincada relação entre o corpo coletivo, que sustenta a tradição compartilhada, e o corpo individual, que acrescenta sua singularidade ao conjunto. Essa interação entre a cultura corporal coletiva e individual enriquece e perpetua a essência dinâmica e vibrante do Reisado como expressão viva da identidade cultural.

A pesquisa permitiu compreender a relevância cultural, social e política do Reisado do Mestre Antônio Marcolino, personagem central desta dissertação. Ele emerge como um símbolo de resistência, representando a afro-memória de Morro do Chapéu e contribuindo para a memória coletiva. Este estudo também incita reflexões sobre o futuro dessa manifestação, que desempenha um papel fundamental na construção da memória coletiva da comunidade.

Por fim, não esgotamos as indagações sobre o futuro do reisado de Marcolino, mas levantamos discussões sobre patrimônio intangível que ele é, refletindo acerca de como o legado destes homens reseiros e seus corpos e performances são bens culturais de toda a gente de Morro do Chapéu. E o quão é urgente seguir problematizando o papel e o protagonismo do corpo negro como construção e documento de memória.

A presente dissertação buscou ainda desvendar as camadas da memória subterrânea que permeiam o Reisado do Mestre Marcolino em Morro de Chapéu, trazendo à luz a riqueza e a complexidade das práticas culturais que constituem o tecido social desta comunidade. Através da pesquisa bibliográfica, análise de performances e dos corpos negros nas fotografias, fontes visuais, do Reisado, este estudo revelou como a tradição da família do Mestre Antônio

Marcolino, hoje sob a regência do outro mestre Mateus Marcolino atuou e continua não apenas como um evento cultural, mas como um veículo de resistência, identidade e memória coletiva na cidade de Morro do Chapéu, na Chapada Diamantina.

Na figura , temos a fotografia da composição atual do reisado, referente ao ano de 2020, após o falecimento do mestre Antônio Marcolino. O novo mestre violeiro Mateus Marcolino, afirma da responsabilidade que ele tem sobre os ombro de perpetuar a tradição do reisado, uma tradição secular, que para eles, reiseiros e mestres violeiros significa mais que uma tradição cultural coletiva, é a missão da vida deles.²⁵ Mateus falou ainda, que eles sambam desde o ventre da sua mãe, assim é a missão desses homens, negros é também seu destino. Este destino do sambar e sobreviver, que é a sina dos Marcolinos é também a sua graça, todos so filhos do violeiros, (homens e mulhres) netas, e a sua esposa, Dona Maria Nilma da Silva, companheira de seu Marcolino, e que ainda hoje, na sua ausencia fisica, apoia, dança, samba com sua familia de reseiros. Na imagem abaxo temos cada um deles presentes.

De acordo com os declarações e da história oral passada de geração a geração, a origem desta tradição na família, principiou com os pais do mestre Vidal Olegário, nas terras as pés do Morro que dá nome e origem à cidade de Morro do Chapéu. Oralidade que é, segundo a lóica e cosmovisão dos povos africanos fontes sagradas, misticas e portadoras do segredos ancestral.

Figura 16: Reisado de Marcolino sob comando de Matheus, seu filho mais velho.



Fonte: Ascom, Prefeitura de Morro do Chapéu-Ba. 2020

²⁵ Tal declaração foi dada pelo novo mestre violeiro, em entrevista à TV chapada, no ano de 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YjdJlefW6co>.

Os resultados desta pesquisa destacaram a importância do Reisado na preservação das narrativas históricas locais, muitas das quais permanecem à margem dos registros oficiais. A figura do Mestre Marcolino, como um guardião dessa tradição, emerge não só como um líder cultural, mas como um elo vital entre o passado e o presente, cuja liderança e dedicação mantêm viva a chama da cultura popular em Morro de Chapéu.

A análise demonstrou também como o Reisado, através de suas visualidades e simbologias, reflete as dinâmicas culturais, sociais e históricas da região, funcionando como um espelho das lutas, alegrias e esperanças da comunidade. A memória subterrânea, revelada pelas práticas e narrativas do Reisado, oferece uma perspectiva única sobre as formas de resistência cultural e a resiliência de tradições marginalizadas.

Este estudo contribui para os estudos sobre memória e tradição, ao destacar o papel crucial das festividades populares na manutenção da identidade coletiva e na transmissão de saberes intergeracionais. Além disso, reforça a necessidade de políticas públicas que reconheçam, protejam e fomentem práticas culturais tradicionais como o Reisado do Mestre Antônio Marcolino, garantindo sua continuidade para as futuras gerações.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras possam expandir o entendimento sobre outras manifestações do Reisado em diferentes contextos geográficos e sociais, bem como explorar as intersecções entre memória, identidade e resistência cultural em outras comunidades. O legado do Mestre Marcolino, imortalizado no Reisado de Morro de Chapéu, permanece como um testemunho poderoso da capacidade humana de criar, celebrar e perpetuar a cultura, mesmo diante dos desafios da modernidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carla Borges de. **O meu corpo sou eu?-narrativas de cadeirantes sobre a construção da imagem corporal**. 2021. 253f. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora**. 13. ed São Paulo: Pioneira, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 129.

BÂ, Amadou Hampatê et al. **A tradição viva**. História geral da África, v. 1, p. 167-212,

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

BHABHA, H.K. **O local da Cultura**. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais**. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. **Memória do sagrado: estudos de religião e ritual**. Edições Paulinas, 1985.

BRANTES, E. **A espectacularidade da performance ritual no reisado do mulungu (Chapada Diamantina – Bahia)**. Religião e sociedade, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 24-47, 2007.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003.

CARVALHO, M. L. **Sincretismo e Diversidade: A Religiosidade Brasileira em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

CASTRO JUNIOR, Luís Victor. **Festa e corpo: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas**. Salvador EDUFBA, 2014. 169 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed.Tecnoprint S.A., 1972.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Edusp, 2012.

COSTA, Ivoneide de França. **Fontes visuais, importância, análise e possibilidades** In: VI Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho e do 17º. Simpósio de Geometria descritiva e Desenho Técnico. Anais.GRAPHICA 2005, p. 1-9.

CUNEGUNDES, J. **Morro do Chapéu: um pouco de sua história, sua vida político-administrativo, suas belezas e sua gente**. Salvador: EGBA, 1999.

DE SANTANA, Tânia. **Devoções católicas entre os negros na Bahia Colonial**. Nº 4. Revista aulas, 2003.

EXDELL, Charles Alexander. **Viroleiro de samba: retratos do samba de roda no sertão baiano**. 2017. 164f. Dissertação (Mestrado em Etnomusicologia)- Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

FABRIS, Annateresa. **Redefinindo o conceito de imagem**. Revista Brasileira de História. Vol. 18, n.35,1998. p.45.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras brancas**. Salvador: UFBA, 2008.

FERREIRA, Jackson. **Gurgalha: um coronel e seus dependentes no sertão baiano (Morro do Chapéu, século XIX)**. 2018. 278f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

FERREIRA, Edson Dias. **Desenho, fotografia e cultura na era da informática**. In Anais do VII International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design. Curitiba: 2007.

GONÇALVES, T. A. (2019). **Espaços de Devoção: Alteridade Afro-Brasileira em Contexto**. Salvador: EDUFBA.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Festa, Trabalho e Cotidiano**. In. JANCSÓ; KANTOR. Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa. 2v. SP: Hucitec, 2001. v. 2, p. 972.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. 2ª.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 372-388.

HUSSERL, Edmund. **A idéia da fenomenologia**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas- SP: Papirus, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e memória**. Disponível em: [<www.blogsoestado.com/uniblog/2013/10/05/boris-kossoy-fotografia-e-memoria/>](http://www.blogsoestado.com/uniblog/2013/10/05/boris-kossoy-fotografia-e-memoria/) Acesso em: 14 nov. de 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, A. R. **Objetos que Falam: A Cultura Material no Folclore Nordestino**. Fortaleza: Editora UFC, 2021.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

_____. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, n. 26, p. 63-81, 2003. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>> Acesso em 15 nov. de 2022.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENEZES, Ulpiano B. de. Fontes visuais, cultura visual, História visual: balanço provisório, proposta cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, p. 11-36 - 2003. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/s0102-01882003000100002>> Acesso em 15 de nov. de 2022.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020.

NASCIMENTO, M. de M. Dança e Corporeidade: considerações fenomenológicas do espaço dançado e corpo percebido. **Cena**, V. 13, n.13, 2013. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/41142>> Acesso em: 14.nov. de 2022.

NORA, Pierre. **Entre a história e a memória – os lugares de memória**. La Republique. Paris: Gallimard, vol.1, 1984.

OLIVEIRA, P. S. (2019). **Negritude em Festa: O Reisado como Espaço de Performance Cultural**. Recife: Editora Universitária UFPE.

PAIVA, Eduardo França. **A iconografia na história – indagações preliminares**. In: História & imagem. Belo Horizonte: Autentica 2006. p.17-3

PEREIRA, Carolina Pazos. Trabalhei mutcho: experiências de trabalho nas comunidades quilombolas do Piemonte da Chapada Diamantina, BA. **História Oral**, v. 22, n. 1, p. 125-146, 2019. Disponível em: < <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/880/pdf>> Acesso em: 10 de dez. de 2022.

PERGO, Vera Lucia. **Os rituais na folia de reis: uma das festas populares brasileiras**. Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades–ANPUH, Maringá, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: < https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf> Acesso em 10 dez. de 2022.

PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**, v. 14, 1997. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>> Acesso em 15 de dez. de 2022.

PORTO, Guilherme. **As Folias de Reis no Sul de Minas**. Rio de Janeiro. MEC SEC.FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1982.

RIBEIRO, M. J. **Códigos da Resistência: Estética e Simbolismo nas Festas Populares do Nordeste**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. Editora Melhoramentos, 2012.

SAMPAIO, Moises de Oliveira. **O coronel negro: coronelismo e poder no norte da Chapada Diamantina (1864-1919)**. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Faculdade de Ciências Humanas-Campus V, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, BA, 2009.

SILVA, Adriana. Apresentação. In: BARROS, Artur César Ferreira de. REZENDE, & Carmem Luiza de. **Companhias de Reis de Ribeirão Preto - relatos de devoção e fé**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011. Disponível em: <<https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/portal/pdf/cultura100202111.pdf>> Acesso em: 09 de set. de 2023.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Mauad Editora Ltda, 1998.

SOUSA, A. L. **Imagens e Identidades do Sertão: Fotografia e Folkcomunicação no Nordeste Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2015.

STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes. **Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo**. Sociologias, p. 354-393, 2010.